

## Oração de João Paulo II a Nossa Senhora de Lourdes

Ave Maria, Mulher pobre e humilde, abençoada do Altíssimo!  
Virgem da esperança, profecia dos novos tempos,  
nós nos associamos ao teu hino de louvor  
para celebrar as misericórdias do Senhor,  
para anunciar a vinda do Reino e a libertação integral do homem.

Ave Maria, humilde serva do Senhor,  
gloriosa Mãe de Cristo!  
Virgem fiel, santa morada do Verbo,  
ensina-nos a perseverar na escuta da Palavra, a ser dóceis  
à voz do Espírito, atentos aos seus apelos na intimidade da nossa  
consciência e às suas manifestações nos acontecimentos da história.

Ave Maria, Mulher da dor, Mãe dos viventes!  
Virgem esposa junto da cruz, nova Eva,  
sê nossa guia pelos caminhos do mundo,  
ensina-nos a viver e a propagar o amor de Cristo,  
ensina-nos a permanecer contigo, junto das numerosas cruces  
nas quais teu Filho ainda é crucificado.

Ave Maria, Mulher de fé, primeira entre os discípulos!  
Virgem, Mãe da Igreja,  
ajuda-nos a dizer sempre a razão da esperança que nos anima,  
tendo confiança na bondade do homem e no amor do Pai.  
Ensina-nos a construir o mundo a partir do interior:  
na profundidade do silêncio e da oração, da alegria do amor  
fraterno, na fecundidade insubstituível da Cruz.

Santa Maria, mãe dos crentes,  
Nossa Senhora de Lourdes, intercede por nós. Amém.

João Paulo II na gruta de Massabielle,  
Sábado, 14 de agosto de 2004

## Sumário Ecos – maio-junho – 2008

### **Vida espiritual**

- 154 Notícias de família: Carta de 10 de maio de 2008  
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 156 Especial 100º aniversário da Associação da Medalha milagrosa: “100 anos de caminhada com Maria, unidos a Jesus nos Pobres pela Medalha milagrosa”  
Padre Gregory Gay, Superior geral
- 159 Maria, “Profeta de um Deus Amor e Força de Esperança para os pobres”  
Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade

- 164 Especial 150º aniversário das Aparições de Lourdes: “Janela sobre o outro mundo”.  
Padre André Doze (Trecho das Atas do Colóquio do Jubileu de 2008)

### **Desafios atuais**

- 176 Indicações para discernir: “A deriva das revelações neo-pagãs”  
Padre Joseph-Marie Verlinde, fraternidade monástica da família de São José

### **Atualidade das Províncias**

#### **Nomeações**

- 197 Nomeações das Visitadoras e dos Diretores provinciais

#### **Visita dos Superiores**

- 199 Mère Evelyne Franc e Irmã Wivine Kisu, Conselheira geral: Visita à Província da Irlanda  
Irmãs Rosaleen MacMahon e Elma Hurley, Filhas da Caridade

#### **Testemunho das Irmãs**

- 203 Província da Amazônia: 5º encontro interprovincial do serviço de animação vocacional vicentina  
Irmãs Anagilisa Sampaio Bentes, Cecília Sá Miranda, Maria Rejane da Mata Dias, Filhas da Caridade
- 206 Província de Cali: Formação dos pais de crianças deficientes a fim de se tornarem “co-terapeutas”.  
Irmã Lucia Gomez Oviedo, Correspondente dos Ecos

#### **Palavra de um irmão mulçumano**

- 209 Província da Suíça-Turca: Precioso sacrifício  
Trecho do jornal Presença (Igreja Católica na Turquia)

### **História da Companhia**

#### **Especial do Centenário de nascimento de Mère Guillemin**

- 211 Mère Suzanne Guillemin, Filha de Deus, Filha da Igreja, Superiora geral da Companhia IX - Mère Guillemin, da palavra ao ato  
Irmã Claire Herrmann, Serviço dos Arquivos

**IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL**

Carta de 10 de maio de 2008

Minhas queridas Irmãs,

Os recentes acontecimentos no Líbano e na Birmânia foram relatados e comentados pelos meios de comunicação do mundo inteiro. Penso que todas vocês viram as imagens terríveis de violência nas ruas de Beirute (Líbano) e de angústia dos refugiados nas zonas devastadas pelo ciclone Nargis na Birmânia (Myanmar). Imagino que vossa oração acompanha todos aqueles e aquelas que sofrem e que se interrogam sobre o que estão vivendo nossas Irmãs presentes nestas regiões.

A Visitadora da Província do Próximo Oriente, Irmã Vincent Allouan, estava em Paris quando começaram as perturbações. Ontem ela pôde telefonar para as Irmãs da Casa provincial, situada ao leste de Beirute que lhe confirmaram a gravidade da situação. O Líbano vive uma erupção de violência, conseqüência das inúmeras querelas internas de caráter político e religioso que abala o país há mais de vinte anos, chegando às vezes até a guerra civil. As estradas entre Beirute e o resto do país estão cortadas. Nossas Irmãs que vivem ao sul em Ain Ebel e ao norte em Kobayat não podem se deslocar até a capital. Na cidade de Beirute mesmo, nossas duas casas do leste, nos bairros muçulmanos, estão isoladas. Trata-se de duas grandes escolas em Mreige e Ras Beirute, onde os alunos são 99% muçulmanos, que são geralmente remansos de paz. Estas escolas nestes últimos dias tiveram que fechar suas portas. Rezemos para que cesse a violência e que se instaure o diálogo. Rezemos para que os cristãos permaneçam unidos e sejam fermento de paz no seio do povo libanês.

Na Birmânia, como vocês sabem, nós não temos Irmãs, mas no noroeste da Tailândia, alguns quilômetros de Birmânia, em Maesot está estabelecida uma comunidade de Filhas da Caridade que serve uns 40.000 birmanos que vivem nos campos de refugiados. Irmã Josefina Estremera, Visitadora da Província de Tailândia me escreveu dizendo que depois do ciclone, as Irmãs de Maesot tentam enviar ajuda à Birmânia, contactando com as Irmãs de uma Congregação birmana de Myawadi (região de Birmânia muito próxima de Maesot). Ademais, as Irmãs da Província de Tailândia solicitam visto para entrar na Birmânia. Elas, com efeito, ajudaram os trabalhadores birmanos afetados pelo tsunami do dia 26 de dezembro de 2004 e mantêm contatos no interior do país, especialmente em Yangon. Rezemos para que seus esforços sejam coroados de êxito. Elas podem contar com o apoio da Companhia e com nossas orações.

Termino estas linhas desejando-lhes uma santa festa de Pentecostes, com a Igreja e com Santa Luisa: *«As almas verdadeiramente pobres e desejosas de servir a Deus devem ter grande confiança em que o Espírito Santo ao descer sobre elas, e não encontrando nenhuma resistência, as disporá convenientemente para cumprir a santíssima vontade de Deus, que deve ser seu único desejo»*. Escritos espirituais, pág. 920

Que o Espírito Santo nos abraze com o fogo da caridade e da paixão pela verdade!

Com a segurança de minha oração e de minha afetuosa dedicação,

Irmã Evelyne Franc  
*Filha da Caridade*

## ESPECIAL DO 100º ANIVERSÁRIO DA A.M.M.

100 anos de caminhada com Maria,  
unidos a Jesus nos pobres  
pela Medalha milagrosa

*“Meu espírito exulta de alegria em Deus meu Salvador”*

Estas são as palavras que a Virgem Maria proclamou depois de seu encontro, ao mesmo tempo, misterioso e próximo com sua prima Isabel. A oração é conhecida por todos como o Magnificat.

Esta expressão de Maria manifesta os sentimentos dos membros da Família Vicentina, particularmente os da Associação da Medalha Milagrosa neste ano jubilar em que celebramos o centenário do reconhecimento da Associação pelo Soberano Pontífice. No dia 8 de julho de 1909 a Associação que nasceu das aparições da Virgem Maria a Santa Catarina Labouré foi reconhecida oficialmente.

Durante estes 100 anos a Associação da Medalha Milagrosa demonstrou vários aspectos positivos a sublinhar em nossa caminhada com a Virgem Maria. Desde o princípio, a Associação foi uma Associação ativa onde o apostolado principal foi o da oração com o objetivo de favorecer uma maior devoção a Virgem Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe. Ela é um exemplo para nós todos quanto à maneira de viver nossa vida segundo os ensinamentos de Jesus Cristo, sendo ela mesma a primeira discípula de seu Filho.

A Associação desenvolveu este apostolado da oração e evangelização através de simples visitas onde, num ambiente familiar, as pessoas de fé e de boa vontade entram progressivamente numa relação de amor com o Senhor Jesus através de sua aproximação a Sua Mãe Maria. Este apostolado da oração se desenvolveu através dos diferentes meios de comunicação moderna, principalmente o correio eletrônico, onde uma rede de pessoas que têm uma profunda devoção à Santíssima Virgem foi estabelecida nos níveis nacionais e internacionais.

Durante este longo período de cem anos, caminhando com Maria, estas pessoas simples contribuíram com o pouco que tinham, mas foram dons bem significativos para as missões e a promoção dos pobres em muitos lugares no mundo.

Na história mais recente da Associação, foi criado um apostolado-serviço, à exemplo de Maria que visitou sua prima Isabel, dando a consolação que só o Deus da vida pode dar a qualquer pessoa necessitada. Junto com este apostolado-serviço, houve um grande crescimento na arte de amar os pobres e a Virgem Maria, a representante principal dos “anawim” do Senhor, através da formação dos membros da Associação.

Outra realização significativa na história mais recente foi a de um maior vínculo com o restante da Família Vicentina, especialmente, no nível internacional. A Virgem da Medalha Milagrosa é a principal patrona de toda a Família Vicentina. Por seu amor e sua intercessão por seus filhos e filhas há cada vez mais jovens que são atraídos pela Associação, partilhando, por seu testemunho de vida, a mensagem marial e o apostolado em favor dos pobres.

A Associação também pode responder às novas pobreza, pois, seus membros tentam promover projetos de evangelização e de serviço para, com e a partir da realidade de nossos Senhores e Mestres, os pobres. Como Associação e com outros membros da Família Vicentina, queremos continuar caminhando com Maria, unidos a seu Filho Jesus a quem descobrimos ainda mais profundamente por nossa proximidade com os pobres.

Sem dúvida alguma, foi a Virgem da Medalha Milagrosa que, por sua intercessão junto a Deus, abençoou este progresso. Pedimos que ela continue nos acompanhando durante o ano jubilar que se estenderá de 8 de julho de 2008 a 20 de novembro de 2009. Este ano jubilar encerrar-se-á com o nosso terceiro encontro internacional que será realizado na Rua do Bac em Paris de 16 a 20 de novembro de 2009.

Ao longo deste ano jubilar, convidamos a todos os membros da Associação da Medalha Milagrosa e outros membros da Família Vicentina a organizarem algumas atividades, a fim de favorecer uma grande devoção a nossa Mãe, Maria, e um maior amor aos pobres, realizando todas as nossas ações para a maior honra e glória de Deus.

Que Deus os abençoe, dando-lhes muitas alegrias durante este ano jubilar!

Padre G. Gregory GAY, cm  
*Diretor geral da Associação da Medalha milagrosa*

### IRMÃ ANNE PREVOST

## **Maria “Profeta de um Deus Amor e Força de Esperança para os pobres”**

### **Introdução**

O 100º aniversário da Associação da Medalha milagrosa que celebramos este ano de 2008 considerando que vivemos as Assembléias provinciais não é um convite a contemplar Maria e aprender dela a tornar-se cada vez mais proféticas e portadoras de esperança?

A liturgia da Igreja aplica a Maria as palavras do Eclesiástico: “*Mãe do puro Amor, da Santa Esperança...*” (Ecl 24, 24).

Na Salve-Rainha, cantamos: “*Salve Rainha, Mãe misericordiosa, vida, doçura e esperança nossa, salve!*”

No prefácio da festa da Assunção nós rezamos: “*Hoje, a Virgem Maria, Mãe de Deus, foi elevada à glória do Céu. Ela é a aurora e a imagem da Igreja triunfante, ela é sinal de consolação e esperança para o vosso povo peregrino*”.

Se é a Igreja que é profética e portadora de esperança, a Companhia também se esforça para ser. Mãe da Igreja, “mestra de vida espiritual”, única Mãe da Companhia, Maria nos acompanha diariamente em nossa vocação de Filha da Caridade. Eis algumas reflexões, entre outras, que podem nos ajudar a nos deixarmos guiar por Maria “Profeta e Força de Esperança para os pobres”.

### **MARIA, PROFETA DE UM DEUS AMOR**

Quando falamos de profetas, nos referimos necessariamente à história do Povo de Deus de acordo com o Antigo Testamento. Desde o princípio de sua história, Deus suscita para estas

peças profetas, homens que estão a par da realidade do destino do povo e podemos até mesmo dizer que eles contribuíram para cumprir este destino. A história do Povo de Deus fala da história da humanidade.

No que se refere a Maria, é toda sua pessoa que é “profética”. Nós nos esforçaremos para pôr em paralelo somente alguns aspectos de sua vida com certas qualidades do profeta.

## **UM HOMEM DE DEUS**

Um profeta é um mensageiro de Deus. A Palavra que recebe de Deus primeiramente o engaja a vivê-la.

Na Anunciação, Maria se engaja a viver segundo a Palavra de Deus: “*Que seja feito segundo a sua vontade*” (Lc 1, 38). Por isso, ela poderá dizer naturalmente aos servos das bodas de Caná: “*Façam tudo o que Ele lhes disser*” (Jo 2, 5).

Junto aos apóstolos, sua presença os conduz a uma maior compreensão do mistério do Cristo que ela mesma descobre progressivamente, ela que “*conservava todas estas coisas em seu coração e as meditava*” (Lc 2, 19 e 51).

Assim, não poderíamos dizer que Maria é profeta por excelência, ela que é “*cheia de Deus*”, (Lc 1, 28) “*repleta do Espírito Santo*” (L.G., 56)?

## **UM SENTINELA**

Um profeta é também um sentinela. Ele vê o alvorecer da aurora, olha-a como se visse o invisível.

Tal é a graça particular de Maria. Ela é a primeira a entender que os tempos se cumpriram e que Deus vem salvar seu povo. Da mesma maneira, em Caná, ela é a primeira a pressentir que a “hora” de Jesus chegara.

Além disso, como todas as mães, Maria lança um olhar sobre aqueles que encontra, sabendo reconhecer em cada um o que já existe em germe e que ainda não se vê: as capacidades de cada um para crescer em humanidade à maneira de Jesus.

Esperando além de qualquer esperança, Maria nos convida a buscar o invisível em nossos irmãos e irmãs em dificuldades, fazendo-lhes observar os valores da humanidade que trazem em si a fim de desenvolvê-los.

## **UM “RELEITOR”**

O profeta relê os acontecimentos e neles descobre a ação de Deus.

Em seu canto do Magnificat, Maria nos faz compreender o que ela mesma contempla, nos dá a chave de releitura para compreender melhor como Deus intervém em atenção aos homens: Deus ama seu povo, Ele faz tudo por seu povo, cuida dos pobres e dos pequenos. “*Sua misericórdia se estende, de geração em geração... e exalta os humildes... sacia de bens os famintos...*” (Lc 1,50-53).

Maria nos ensina a reler nossa vida e nossos compromissos junto aos pobres para neles descobrir como Deus se revela lá onde nos encontramos: o que Ele faz por nós, conosco e através de nós, assim como o que Ele diz através da história dos homens e das mulheres de hoje para realizar seu projeto de amor em nosso mundo.

## **UM HOMEM SOLIDÁRIO COM OS HOMENS**

O profeta é um homem que ama o povo a quem Deus o envia. Ele se faz um com ele para confortá-lo, encorajá-lo, dar-lhe confiança, suscitar nele o gosto de viver em fraternidade.

Em todas as situações de sua vida, Maria manifesta sua solidariedade para com aqueles que passam por provações. Vemo-la favorecer a aproximação amigável com sua prima Isabel, o respeito pela dignidade dos excluídos de seu tempo (os pastores), a atenção às dificuldades dos noivos em Caná, a compaixão para com seu filho humilhado e condenado injustamente...

Solidária das alegrias e das esperanças dos homens, suas tristezas e suas angústias, Maria é aquela que, do alto do Céu, escuta seus clamores e suas orações e intercede em seu favor.

## **UMA “COLUNA DA IGREJA”**

Com os apóstolos, o profeta é também uma “coluna da Igreja”: *“fostes edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, tendo por pedra angular o próprio Cristo Jesus”* (Ef. 2, 20). É Deus quem dá os apóstolos e os profetas à sua Igreja para animar a fé e a vida de seu povo.

Ao pé da Cruz, Jesus entrega sua Mãe aos apóstolos “Eis tua mãe” (Jo 19, 26-27), a fim de que Maria os anime e os eduque em sua vida de fé, de esperança e de amor. No Cenáculo, ela está lá, rezando com eles e algumas mulheres. *“Todos eles perseveravam unanimemente na oração, juntamente com as mulheres, entre elas Maria, mãe de Jesus”* (At 1,14). Ela os encoraja a perseverarem na oração esperando pela vinha do Espírito Santo.

Não poderíamos também dizer que Maria é uma “coluna” preciosa dada por Jesus à Igreja para reunir todos os homens e conduzi-los a seu Filho fazendo deles irmãos reconciliados?

Hoje, Maria nos ensina a nos tornarmos a seu exemplo, de “colunas” sólidas da Igreja para encorajar os pobres e permitir-lhes a se tornarem não somente “amigos de Deus”, mas também “colunas” para os outros.

## **MARIA, FORÇA DE ESPERANÇA PARA OS POBRES**

Para entrar na dinâmica da esperança, Maria nos traça um caminho: uma confiança absoluta em Deus, a necessidade de se alimentar do ensinamento de seu Filho, a alegria de descobrir Deus presente e agindo no coração e na vida dos homens, especialmente dos pobres. Tudo isto, Maria viveu através dos acontecimentos que marcaram sua vida.

A experiência da vida dos pobres e sua presença tão importante na Capela da Rua do Bac mostram o quanto os pobres se sentem próximos de Maria. Para eles, Maria é aquela que viveu e superou provações que eles mesmos atravessam e que, apesar de tudo, soube manter uma fé inabalável na proximidade e na fidelidade a este Deus Pai que não abandona nenhum de seus filhos.

Na Anunciação, Maria aceitou colaborar para a vinda de Jesus ao mundo apesar da angústia que isto lhe causou: como explicar uma tal coisa a seus pais e a José? E as pessoas de Nazaré iam insultá-la e considerá-la como uma prostituta? Porém, ela diz sim a Deus, tomando mais consciência de sua solidariedade com seu povo que esperava por um Salvador.

Em Belém, Maria experimentou a humilhação e a pobreza, em seguida, a perseguição de Herodes com a fuga e o exílio para o Egito. Contudo, ela continuou fazendo-se solidária com seu filho, partilhando com Ele sua missão de libertação até a Cruz.

No Calvário, Maria sofreu ao ver seu filho perseguido, torturado, executado publicamente como um criminoso. Não obstante, ela o encorajou ao longo desta provação para trazer ao mundo sua libertação.

Mulher do povo que conheceu o sofrimento e a opressão, Maria é uma Força de Esperança para os pobres. Ela personifica a preferência de Deus em relação àqueles que sofrem a injustiça dos poderosos e daqueles que são humanamente insignificantes. “*Maria é a presença sacramental das características maternas de Deus*” diz o documento de Puebla. Ela é o sinal da Misericórdia materna de Deus para os pobres.

## CONCLUSÃO

Olhando Maria, “*Profeta de um Deus apaixonado pelos homens e Força de Esperança para os pobres*”, com Ela disponhamo-nos a colaborar na ação de Deus em favor dos pobres “nossos Senhores e Mestres”. Assim, seremos mais profetas aqui e em toda parte.

Irmã Anne PREVOST  
*Filha da Caridade*

## ESPECIAL DO 150º ANIVERSÁRIO DAS APARIÇÕES DE LOURDES

Padre André Doze

### **Janela sobre o “outro mundo”**

**Em 2005**, na Capela da Rua do Bac foi celebrado o **175º aniversário** das aparições de Maria a Catarina Labouré, a humilde serva dos pobres.

Em 1830, Nossa Senhora pede para rezar a jaculatória: “*Ó Maria concebida sem pecado*”. 24 anos depois desta mensagem, a Igreja proclama o dogma da **Imaculada Conceição**.

4 anos depois, a Virgem Maria aparece novamente em Lourdes a uma pobre menina, Bernadete Soubirous. Lá, Ela se apresenta como uma moça bem jovem, a da Anunciação, na véspera de sua missão maternal. No dia 25 de março de 1858, Ela lhe revela seu nome: “*Eu sou a Imaculada Conceição*”.

Neste ano de 2008, o 150º aniversário destas aparições é celebrado solenemente em Lourdes. Nesta ocasião, o Papa Bento XVI estará em Lourdes no próximo mês de setembro, onde participará das grandes celebrações com os peregrinos.

Foi organizado um Colóquio pelos Santuários (9-11 de dezembro de 2007) sobre o tema “A MENSAGEM DE LOURDES, DE ONTEM AO HOJE, DE HOJE AO AMANHÃ” reunindo mais de 500 participantes. Em sua conferência “Janela sobre o outro mundo”, o Padre Doze apresenta uma reflexão sobre a mensagem da terceira aparição:

“*Eu não prometo fazer-lhes feliz neste mundo, mas no outro*”.

Como a Catarina e Bernadete, Maria Imaculada não cessa de vir em nosso encontro para nos fazer passar deste mundo ao “outro”, nos fazer entrar no “outro mundo” para o qual fomos criados.



## JANELA SOBRE O “OUTRO MUNDO”

*La obra pura y entera hecha por Dios, en seno puro, hace reino entero para su dueño* (São João da Cruz)<sup>1</sup>

Para penetrar na dimensão interior da “mensagem de Nossa Senhora de Lourdes”, é necessário prestar atenção a dois dados essenciais: como tudo começou, como tudo terminou, a primeira palavra de Nossa Senhora, no dia 18 de fevereiro de 1858 e a escolha que ela faz da última aparição, no dia 16 de julho, dia de Nossa Senhora do Carmo, 100 dias depois da antepenúltima aparição.

### A PRIMEIRA PALAVRA DE NOSSA SENHORA

O que a Virgem Maria diz, depois do silêncio impressionante das duas primeiras aparições, silêncio que é como um pórtico, uma preparação centrada no belo sinal da cruz ensinado cuidadosamente, como recentemente sublinhou Monsenhor Perrier? Diga-se de passagem, que este sinal da cruz foi a primeira pregação silenciosa da visita celestial, e o quanto expressiva. Mestre Dufo, bastonário, dizia ao Padre Sempé que não acreditou nas aparições: “Se você tivesse visto seu sinal da cruz, seu julgamento mudaria”. O que Maria diz? Ela diz uma frase essencial cuja verdadeira forma deve ser procurada no primeiro livro publicado em 1869, o livro de Henri Lasserre que havia tido um contato direto com Bernadete e que não pode tê-la inventado: “Eu lhe prometo fazer feliz, não neste mundo, mas no outro”. (Confessemos que “eu lhe prometo” soa diferentemente de “eu não lhe prometo!”). Por que esta frase foi erradamente “simplificada” depois? Não sabemos.

Este “outro mundo” não é evidentemente só a felicidade do céu. Por quê? Porque seria a morte da mensagem cristã. *O reino de Deus é justiça, paz e alegria no Espírito Santo*, diz São Paulo (Rom 16, 17): é hoje que nós devemos vivê-lo, tanto que Jesus afirma: *quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna* (Jo 5, 24). Esta vida com Deus vem acompanhada de uma alegria misteriosa, de uma sabedoria particular, que vemos nos santos, nos mártires, e que é como a própria assinatura de Deus: Bernadete disse, em seu leito de sofrimento, esta palavra que o Padre Petitot, dominicano, autor de um livro notável, escrito justamente depois da canonização de Bernadete em 1933, considera como essencial. Bernadete a pronuncia em seu leito de enferma onde ela tanto sofre, com o grande crucifixo que lhe deram, ao final de sua vida: *“Sou mais feliz que uma rainha em seu trono”*.

Bernadete reconhece que a primeira parte da promessa de Maria se realizou cruelmente, *“isto, eu o asseguro, estou certo de tê-la”*, mas, misteriosamente, toda sua vida, sua alegria, sua coragem extraordinária, sua humildade, sua profundidade espiritual surpreendente, sempre profética, da qual temos muitos exemplos, tudo nos diz que Bernadete, desde esta vida, tinha entrado no “outro mundo”. Ela diz por exemplo a respeito da Igreja paroquial que o Abade Peyramale começou a construir: *“o Senhor vigário tem razão de construir esta Igreja, esta será sua última morada!”* (L.196). Efetivamente, o vigário pôde construir apenas a cripta, em vida, e aí o enterraram em 1877. Em outubro de 1873, ela encontra-se com o novo Bispo, Monsenhor de Ladoue. Pedem a ele suas impressões: *“Ele é pequeno, frio; mas não permanecerá muito tempo”* (L.338): efetivamente, ele ia morrer pouco depois. Monsenhor Théas dizia aos universitários, diante da Gruta: *“Vocês são instruídos, mas Bernadete, ela, foi iluminada”*.

### O que é o outro mundo?

Esta referência ao “outro mundo” na primeira palavra de Maria é a peça principal desta mensagem de Lourdes e parece-me relativamente confortável tentar fazê-lo ouvir. Maria quer fazer os homens entrarem no “outro mundo” para o qual foram criados. Maria quer fazer com a

humanidade inteira o que ela fez com seu próprio Filho, quando se encontrava diante de sua primeira grande escolha.

Quando a Santíssima Trindade decide se encarnar, o Pai cria um mundo totalmente particular para receber seu Filho, e o esconde cuidadosamente nas mãos de um homem da tribo de David, especialmente escolhido para isto, São José: “*José, filho de Davi, não temas receber Maria por esposa, pois o que nela foi concebido vem do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo de seus pecados*”. (Mt 1, 20-21). O mundo confiado a José tem uma dupla particularidade: é o único onde o espírito do mal nunca entrará; é o único onde o Espírito de Deus reinará perfeitamente.

No fim de sua primeira epístola, São João diz algo que toma aqui todo seu realce: “*Sabemos que somos de Deus, e que o mundo todo jaz sob o poder do Maligno*” (1 Jo 5, 19). Jesus explica um dia a Santa Catarina de Siena, e é muito instrutivo, qual é a arma favorita do Astuto, qual é a especialidade do mundo sobre o qual ele reina (nunca o conhecemos bastante!): “*Veja minha filha todos estes pecados os quais me atingem, mas veja, sobretudo seu horrível e abominável amor-próprio de onde provém todos os males*”. (*Diálogos XVII*).

Isto nos explica porque Bernadete temia tanto o amor-próprio! Recordem este círculo que ela havia feito no chão do pátio, em Nevers, dizendo: “*Todo aquele que não tem amor-próprio põe seu dedo lá!*”<sup>2</sup>, e esta palavra terrível que ela dizia a uma de suas companheiras, que o menor pensamento de orgulho lhe faria perder todas as promessas de Maria (L. 61). A primeira palavra que Bernadete escreve em seu caderninho pessoal, em 1873, é bem típico de seu verdadeiro estado de espírito: “*Quem me olha não me interessa mais. Desde este momento devo ser inteiramente de Deus e unicamente d’Ele, jamais de mim*”. Ela dá as costas ao amor-próprio.

É neste “*outro mundo*” que Jesus foi gerado, nasceu, cresceu. É aí que ele foi amado, guiado, protegido. Este mundo é um mundo onde os anjos estão perfeitamente à vontade, pois, os amamos, não os tememos, não os imitamos, como isto acontece continuamente neste mundo onde o próprio *Satanás se transfigura em anjo de luz* (II Cor 11, 14). Bernadete, diante do Santíssimo Sacramento, sentia-se acompanhada pela Virgem Maria e por seu anjo (L. 240).

Estes dois mundos coexistem constantemente nesta terra. O que os separa? Soljenitsyne expressa isto muito bem quando afirma que era necessário que conhecesse “*a palha úmida das prisões*” para saber que há dois mundos cuja fronteira não passa entre os grupos sociais, os seres humanos, com suas idéias, sua religião, mas que esta fronteira passa no coração de cada de nós, e que ela é essencialmente móvel!

## **Uma cena essencial**

Agora, é necessário que compreendamos, como o Pai eterno quis que seu Filho escolhesse o outro mundo, assim que foi capaz disto.

Devemos, pois, assinalar aqui uma cena essencial que corresponde ao 5º mistério gozoso do Rosário, o primeiro mosaico que foi refeito e abençoado solenemente por nosso Bispo – e não é um acaso. Este mosaico conta a primeira escolha livre do Verbo encarnado, revela o fundo do mistério de Lourdes. Trata-se de quê?

Jesus busca seu Pai e pensa que o melhor lugar para encontrá-lo é o templo, *a casa de meu Pai*, como dirá. Ele aproveita de sua entrada na maturidade judaica, no décimo terceiro ano, e de sua presença em Jerusalém, por ocasião de uma peregrinação familiar, para ir ao templo com a idéia de permanecer lá, certamente. Tudo está aí: o templo é esplêndido, os doutores da Lei são os

elementos chaves de Israel, Jerusalém é esta capital onde ele sabe que deve sofrer e morrer. Além disso, o acolhimento é mais do que cordial.

Sabemos como Maria e José, no auge da angústia, acabam por aí encontrá-lo, ao final de três dias. Maria profere um grito que o Padre Faber, um profundo místico inglês do século XIX, compara ao grito de Jesus na Cruz chamando seu Pai: “*Meu filho, que nos fizeste? Eis que teu pai e eu andávamos à tua procura, aflitos*”. E Jesus parece aniquilado: por que o procuram? Por que se diz que José é seu pai? Não sabem que ele deve estar com seu Pai? Incompreensão total. E Jesus traz uma solução silenciosa fazendo três coisas, três verbos claramente indicados no texto grego: “*Em seguida, desceu com eles, foi a Nazaré e lhes era submisso*” (Lc 2, 51). Sabemos disto pela própria Maria que “*guardava todas estas coisas no seu coração*”.

O que acontece exatamente? Maria e José fazem Jesus passar deste mundo, perigoso, deste templo esplêndido que está se tornando uma “*caverna de ladrões*”, ao “*outro mundo*”, junto a São José, um mundo perfeitamente seguro onde reina o Espírito de Deus. Ela faz Jesus passar da antiga Jerusalém a este mundo que vai se tornar, graças a Jesus, a nova Jerusalém: um mundo perfeitamente seguro: o mundo de Deus na terra. Considerar esta escolha de Jesus como o gesto fundador da *Nova Jerusalém* é reconhecer sua importância extraordinária.

Quanto mais Jesus obedece a este homem que Maria chama seu pai, mas Jesus “*crece em estatura, em sabedoria e em graça*” (Lc 2, 52), porém mais ainda sua humildade, – uma humildade realmente indizível –, faz crescer José: obedecendo-lhe, *fazendo dele seu pai, permite ao Pai eterno de investi-lo de uma maneira perfeitamente única da qual, somente, Maria, e os anjos, são testemunhas*. Estas testemunhas vêem um duplo espetáculo totalmente fora do comum: Deus que se torna homem na pessoa de Jesus; um humilde filho de Davi que se torna como a imagem única do Pai. E esta maravilha que se desenvolve harmoniosamente com uma força muito grande, vai durar até aos 30 anos de Jesus: é nesse tempo que Ele elabora toda a pregação do Evangelho, sobretudo, que se prepara a morte. Quando Ele sai desta obscuridade, fica tão irradiante que os apóstolos, que não o escutaram, que não viram nenhum milagre, vão deixar o grande João Batista para segui-lo.

## **As confidentes**

Duas mulheres são iniciadas nestas maravilhas escondidas: Teresa de Ávila e Bernadete.

Teresa perde sua mãe aos 13 anos, em 1528, e chorando suplica a Maria para ser sua mãe. Maria será uma mãe excepcional para esta mulher que vai se tornar, por ela, uma filha totalmente admirável de José: é preciso ver a maneira como a mesma fala deste no livro de sua vida! Faltam-lhe as palavras: *quien no hallare maestro que le enseñe oración, tome este glorioso Santo por maestro y no errará en el camino*<sup>3</sup>. Estas palavras são essenciais porque, como a diremos rapidamente, não há outros meios senão a oração, na terra, para passar de um mundo ao outro. E José é o mestre da oração, mas pouquíssimos o conhecem: o Padre Libermann, fundador dos Espiritanos, judeu convertido, logo antes que Bernadete nascesse, o conhecia. Veremos que Bernadete o conhecia.

Com um mestre semelhante, o mestre da oração da Sagrada Família, Teresa se torna a primeira mulher doutora da Igreja, por sua ciência da oração. Aos 47 anos, o Senhor pede-lhe para criar na terra um tipo de réplica humana da Sagrada Família, do “*outro mundo*”, e é assim que ela vai fazer nascer, triunfando nas maiores dificuldades, São José de Ávila, o primeiro Carmelo reformado, que o Senhor lhe pede para confiar a São José.

Outra mulher que é introduzida na confidência é Bernadete: mas ela não tem o direito de falar do assunto, o que provocará dificuldades dolorosas com sua Mestra de Noviças, em Nevers,

Madre Maria Theresa Vauzou. Bernadete vive o que Jesus viveu: ela deixa Lourdes, como ele deixou Jerusalém; ela vai “esconder-se” em Nevers, como Jesus vai esconder-se em Nazaré; ela dá, como Jesus, uma importância particular a José. Ela substitui a Gruta por sua Capela, no jardim – uma pequena Capela gótica, construída em 1860 – e as Irmãs ficam surpresas de vê-la lá sempre e muito tempo... “*reza-se bem nesta Capela – Oh sim! Eu vou lá toda vez que eu posso*” (L. 303). Num outro momento, ela observa: “*José e Maria são perfeitamente de acordo, no céu não há inveja*” (L. 62). Ela afirma, como Teresa de Ávila: “*Quando não se pode rezar, pede-se a São José*” (L. 238). É sobretudo, após a morte de seu pai que ela diz: “*Não sabeis, pois, que agora meu pai é José?*” (L. 303).

Quarta-feira<sup>4</sup>, 19 de março de 1879, pouco menos de um mês antes de sua morte, ela pede a São José, com força, a graça de uma boa morte: ela morre na quarta-feira de Páscoa, 16 de abril, e as Irmãs, seguindo várias circunstâncias, vão enterrá-la nesta Capela onde ela permanecerá intacta durante 46 anos. Esta Capela desaparece durante um bombardeio inglês, no dia 16 de julho de 1944, dia de Nossa Senhora do Carmo.

### Convidados ao “outro mundo”

Todos os homens são convidados ao “*outro mundo*”, mas eles precisariam saber que este “*outro mundo*” está escondido neles.

Há dois aspectos no ser humano: o primeiro é o corpo e a alma, o físico e o psíquico de um ser humano, realidades familiares, sabiamente desenvolvidas por Aristóteles, Descartes e todos os especialistas. Por causa de São Thomas de Aquino, grande admirador de Aristóteles, no século XIII, a Igreja adotou esta antropologia. Como o disse fortemente o Cardeal de Lubac no último livro que ele publicou, *A Teologia na História*<sup>5</sup>, esta antropologia não é a da Escritura nem a dos Padres da Igreja. São Paulo sublinha três aspectos no homem: *o espírito, a alma e o corpo* (1Tes 5, 23). O mais importante destes aspectos é *o espírito*, que a Bíblia chama ainda *o coração*: *o espírito* ou *coração* exerce o mesmo papel neste par, correspondendo ao corpo e à alma, como o *amor* no casal homem e mulher: um papel essencial.

Por nosso corpo e nossa alma, pertencemos a este mundo. Mas, por nosso espírito, como diz São Paulo, podemos nos unir ao Senhor, pelo Espírito Santo, e não mais tornar-se com *ele senão um só espírito* (1Cor 6, 17). Assim, todo o ser se transforma.

Numa cena bem eloquente da Bíblia, vê-se o profeta Samuel buscar na família de Jessé, como se deve, de acordo com a Escritura, um sucessor de Saul que perdeu a cabeça. Apresentam-lhe belos homens, mas nenhum convém: “*Mas o SENHOR disse a Samuel: “Não se impressione com a aparência nem com a altura deste homem. Eu o rejeitei porque não julgo como as pessoas julgam. Elas olham para a aparência (isto é o físico e o psíquico), mas eu vejo o coração”* (1S 16, 7). É assim que vai-se procurar o jovem Davi. Jesus dirá aos fariseus: “*Vós procurais parecer justos aos olhos dos homens, mas Deus conhece vossos corações; pois o que é elevado aos olhos dos homens é abominável aos olhos de Deus*” (Lc 16,15).

As aparências, físicas e psíquicas de Bernadete eram bem modestas, em 1858, mas seu coração correspondia ao mundo divino.

Teresa de Ávila da qual falamos, embora não tendo feito estudos, sabia perfeitamente a diferença entre o espírito, a *alma*, o psiquismo, e este que ela chama *el espíritu de mi alma*, este coração onde Deus habita: o primeiro poderia estar agitado enquanto que o segundo era calmo e unido a Deus.

Santa Catarina de Siena, desde sua infância, soube se retirar, com o Senhor, seu Esposo bem-amado, no que ela chamava sua “*cela interior*”, o equivalente de “*outro mundo*”.

Pode-se comparar a psiquismo humano, a *alma*, em seu melhor estado, ao templo de Jerusalém, com todas as suas riquezas, suas tradições, sua moral, sua vida intensa e variada. É um lugar magnífico, mas é humano e corre o risco de se deteriorar, ah! O espírito do mal tem aí suas entradas. Nós o conhecemos demasiado. Podemos comparar o *coração* ou *espírito* com a casa de José em Nazaré: humildade, silêncio, obscuridade, simplicidade, pobreza, mas o Espírito de Deus aí reina, Deus aí progride! Normalmente, jamais o inimigo pode entrar nela. Eis, o verdadeiro “*outro mundo*”, o coração onde Deus reina!

## O desejo de Maria

Maria quer fazer, com cada um de nós, o que ela fez com Jesus, com Bernadete: fazer-nos passar deste mundo ao “*outro*” (não *the next one* mas *the other one!*), do mundo onde o homem confia em si mesmo, ao mundo onde ele se apóia essencialmente em Cristo, “*Quem permanecer em mim e eu nele, esse dará muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer*” (Jo 15, 5).

Por que ela vai gritar dolorosamente, por três vezes: “*Penitência, penitência, penitência*”? Porque há três coisas essenciais a fazer: os três verbos que Jesus viveu:

- *Descer com eles*, José e Maria, isto é separar-se da fascinação do mundo visível, como toda ascese cristã nos ensina a fazer, desde o tempo de Nosso Senhor. Medir o perigo de um mundo que é apenas humano: *Afasta-te, Satanás! Tu és para mim um escândalo; teus pensamentos não são de Deus, mas dos homens*, dizia Jesus a Pedro (Mt 16, 23). São João da Cruz se previne muito bem contra um “*espiritual*” deturpado que pode perigosamente iludir. Isto faz pensar neste assunto do Abade Munier, no início do século XX, a respeito de uma senhora: “*Ela é muito piedosa para se converter!*”. Sabemos todos o quanto é difícil viver este primeiro verbo, considerando que ele ordena tudo.

Esta descida é marcada pela Cruz de Jesus: ela é realmente árdua. Dois homens são guias incomparáveis: São João da Cruz, o mestre do Carmelo, para a ciência teórica; Roger Vittoz, um médico falecido em 1925, para a parte prática. Ele inventou um método de controle cerebral extraordinário, indispensável neste ponto.

- *Ir para Nazaré*, entrar neste mundo obscuro e silencioso do coração, da oração, para encontrar Deus na terra. Aqui também, Teresa de Ávila e o Carmelo têm uma contribuição excepcional. O Padre Caffarel, fundador das Equipes Nossa Senhora, pensava que era impossível ser cristão hoje, se não se reservasse, diariamente, um pouco de tempo a oração. Isto supõe, evidentemente, a prática da Sagrada Escritura.

- *Ele lhes era submisso*. A obediência de Jesus não era somente espiritual, mas também física: ela passava pelos pés e as mãos. Agir, obedecer concretamente é fundamental, na mensagem evangélica. É ainda por um gesto concreto, o novo sinal da Cruz, que tudo começa em Lourdes. É bem concretamente que, aqui em Lourdes, nos ocupamos dos doentes e inválidos.

Estes três verbos correspondem aos três aspectos do ser humano: o primeiro interessa ao psiquismo, a *alma*, que é convidada por Jesus a se expressar, a pedir: “*Pedi e recebereis*”; o segundo diz respeito ao *coração* ou *espírito*, que é convidado a buscar: “*Buscai e encontrareis*”; o terceiro, enfim, concerne ao *corpo*, convidado a bater: “*Batei e a porta se abrirá*” (Mt 6, 7).

Por que a experiência de Lourdes é tão impressionante? Porque Maria nos faz pressentir o “*outro mundo*”, o verdadeiro, este “*outro mundo*” que todo mundo busca, mais ou menos conscientemente, e a ele nos convida. Esta experiência é muito mais forte hoje que constamos que o inferno não está distante, infelizmente!

## 16 DE JULHO: ÚLTIMA APARIÇÃO DE MARIA A BERNADETE: DIA DA FESTA DE NOSSA SENHORA DO CARMO

Não é, pois, difícil entender por que Nossa Senhora escolheu, para despedir-se de Bernadete, silenciosamente, a data de Nossa Senhora Carmo. Teresa de Ávila e João da Cruz nos dão uma ciência e uma prática incomparáveis para entrar neste mundo espiritual para o qual nós fomos criados por Deus e salvos por Cristo.

Teresa descreveu de uma maneira magistral a passagem do mundo dos homens entregue a eles mesmos e às suas paixões, este mundo, ao outro, onde o Espírito Santo pode finalmente exercer sua função: o primeiro *propenso* à morte, o segundo, à vida e à paz, como diz São Paulo (Rom 8, 6). Seu livro, *O castelo interior*, descreve um trajeto que passa do pecado mortal à união com Deus em sete etapas. Não temos tempo para falar disto, mas é preciso destacar a importância principal da etapa intermediária, a 4ª que marca a passagem de um mundo a outro. “Antes de começar estas quartas Moradas, ... recomendei-me ao Espírito Santo e o supliquei que doravante falasse em meu lugar para dizer algo sobre as Moradas que restam a explicar e dar-lhe inteligência. Esta da qual vou falar-lhes começa a ser sobrenatural, e é muito difícil compreendê-la, se sua Majestade não empresta sua competência ....” (*Castelo interior*, 4ª Morada, cap.1).

A 4ª Morada é Maria que vem buscar o homem em Jerusalém, neste mundo, para levá-lo a Nazaré, ao “*outro*”.

A 3ª Morada parece muito invejável: estas pessoas estão cheias de qualidades e piedade, mas falta-lhes um “não sei o quê”, como diz São João da Cruz, sem o qual, em caso de perseguição ou de grandes tentações, elas não resistiriam, como vimos abundantemente nos anos 70. Elas permaneceram no templo de Jerusalém. Maria ainda não teve sucesso em fazê-las descer a Nazaré!

Isto nos faz pressentir o quanto esta passagem é importante: pensamos nesta *porta estreita* da qual Jesus fala, *poucos são os que a encontram* (Mt 7, 13), que faz a comunicação entre estes dois mundos. Não se trata de maneira nenhuma de um processo intelectual, mas da entrada no mundo das Bem-aventuranças, entrada desconcertante onde Bernadete sobressaiu.

### Conclusão

Se quiséssemos resumir numa frase a mensagem de Lourdes, poderíamos tomar a frase que Maria agora dirige a todo homem: “*Meu filho, que nos fizeste? Teu pai e eu andávamos à tua procura!*”

Maria quer fazer aos homens o trajeto que ela o fez com Jesus: passar da antiga Jerusalém, do antigo templo, isto é, de nosso psiquismo perturbado, cheio de orgulho e de mentiras, para a nova Jerusalém, representado pela Sagrada Família de Nazaré, isto é, o *coração* ou *espírito* onde o próprio Deus habita por seu Espírito. Ela nos mostra a importância desconhecida de São José a quem esta nova Jerusalém foi confiada, como Pio IX já havia declarado no dia 8 de dezembro de 1870.

Para entender o papel respectivo de Maria e José em nossa vida espiritual, aqui também, o Carmelo é indispensável: lemos no capítulo 32 da vida de Santa Teresa de Ávila, o que o Senhor lhe diz, no momento em que ela vai abrir o primeiro Carmelo reformado: “Tu vais fazer este Carmelo. Eu estarei contigo, será como uma estrela em minha Igreja (felizmente que os religiosos existem!); tu vais dá-lo a José. Haverá duas portas: a porta guardada por José; a porta guardada por

Maria e *eu ficarei no meio*". José afasta as forças do mal, como uma *sombra* protetora: trabalho indispensável que permite a Maria abrir-se às forças divinas, isto é, ao próprio Espírito Santo.

Todo mundo compreende que sem o fechamento da primeira porta, a abertura da segunda é impossível. Foi assim que Jesus tornou-se o primeiro ser humano no qual, de uma maneira perfeita, o Espírito de Deus pôde *descer e permanecer*, como o Senhor diz a João Batista (Jo 1, 33), *descer*, graças a Maria, *permanecer*, graças a José.

Os três aspectos do Reino de Deus tal como descreve São Paulo: *a justiça, a paz e alegria no Espírito Santo*, correspondem a estas três pessoas que são como um reflexo da Santíssima Trindade. Jesus é *o justo* que justifica o homem; José, imagem do Pai, é responsável pela *paz* e Maria, imagem do Espírito, traz a *alegria*.

Para terminar, deixo-lhe um texto de um monge sírio do século IV, muito inspirado, um dos mais perfeitos poetas da Virgem Maria: Santo Efraim. Ele descreve perfeitamente o que Deus quer:

*Pois a alma é ainda mais preciosa do que o corpo.  
E o espírito é mais precioso do que a alma,  
E a Divindade mais escondida do que o espírito.  
Quando chegar o fim, o corpo se vestirá da beleza da alma.  
A alma vestirá a beleza do espírito.  
O espírito vestirá, em seu próprio rosto, a Majestade divina.  
O corpo no lugar da alma se verá elevado;  
A alma no lugar do espírito, o espírito na altura onde está a majestade.*

Padre André DOZE  
*Extrato das Atas do Colóquio do Jubileu de 2008*

## Notas

<sup>1</sup> *Uma obra pura, feita inteiramente e unicamente por Deus num coração puro, conquista reino onde Deus reina.* (Max. 21)

<sup>2</sup> A Madre Marie-Thérèse Vauzou, sua mestra de noviciado, sublinhara esta palavra e as reações de amor-próprio de Bernadete, que ela vai algumas vezes ferir!

<sup>3</sup> Que aquele que não tem mestre para lhe ensinar a oração, tome este glorioso Santo por mestre: ele não se desviará.

<sup>4</sup> É preciso destacar que a quarta-feira é o dia de São José.

<sup>5</sup> H. de Lubac, *A Teologia na História*, t. I, p. 112-199.

## DESAFIOS ATUAIS

### Indicações para discernir

#### A deriva das revelações neo-pagãs

Notas tomadas durante a palestra do Padre Joseph Marie Verlinde na Sessão de formação da Equipe de pastoral da Capela sobre o tema do "Discernimento no acolhimento"

## Introdução

A Revelação se enraíza numa iniciativa divina desconcertante pela qual o Todo-poderoso sai de seu silêncio e se manifesta ao homem que o busca, numa linguagem que ele possa compreender.

Este “falar” é também um “fazer”, visto que o acolhimento da Palavra pressupõe uma transformação ontológica do auditor que, pela ação do Espírito Santo que habita na Palavra, se torna capaz de perceber o inefável que se expressa numa linguagem humana, ou ainda, de discernir o Filho de Deus no Filho de José.

Esta Palavra de Deus é um *Dabar*, uma palavra-acontecimento que surgiu no centro da história na qual ela inscreveu sua marca indelével. Este *Dabar* não se contenta em desvendar as coisas ocultas, mas faz sobretudo surgir da novidade, que o homem tem a responsabilidade de discernir, a fim de correspondê-lo por uma atitude adaptada.

A Palavra de Deus surgiu, quer seja nos *logoi* dos profetas ou no *Logos* encarnado, como um apelo ao diálogo e à conversão de vida. Ela nos arranca de nossa interioridade vazia para nos colocar face à Alteridade absoluta; ela vem criticar de maneira radical toda pretensão à auto-suficiência. Mas, ela é também a mão estendida que nos arranca de nosso narcisismo e nos desperta à consciência pessoal no que ela tem de específico, a saber, sua abertura ao Mistério transcendente.

A liberdade autêntica só é possível no horizonte desta iniciativa pela qual Deus se propõe a nós como parceiro da aliança e nos coloca assim diante da obrigação de responder de maneira pessoal. Mas que glória para o homem ser posto assim em responsabilidade face ao Transcendente absoluto que se torna acessível na Revelação comunicando-se com seu interlocutor!

Neste encontro que ele suscita e no qual assegura as condições de possibilidade, Deus nos oferece o poder de aceder pela nossa livre escolha ao estatuto de filho.

Estes traços são característicos da Revelação divina:

- iniciativa pessoal de um Deus transcendente, criador;
- que se revela na Palavra que convoca o homem a um diálogo;
- na qual Deus lhe dá acesso a uma vida nova, totalmente inacessível às possibilidades da natureza criada;
- à qual o homem só pode aceder mediante a fé em Jesus Senhor e Salvador, que o purifica de seu pecado e lhe faz participar de sua própria vida no Espírito.

É certo que o termo “revelação” pode ter muitos outros sentidos na linguagem cotidiana: não falamos das “revelações” de tal político? Mas no âmbito do estudo das religiões comparadas, ele possui um sentido exato que é o que nós definimos rapidamente.

Porém, o novo paradigma naturalista que se instala em nosso tempo em detrimento do antigo paradigma criacionista e judeo-cristão, este famoso paradigma da Nova Era apresenta um caráter parasitário – particularmente marcado – a expressão é do Prof. Fuss. Queremos dizer com isso que ele empresta às tradições religiosas que visita um certo número de termos chaves, que ele vai, em seguida, usar em sua própria apresentação, mas num outro sentido, criando assim, uma confusão da qual ele sabe inteligentemente tirar proveito.

Vamos então verificar rapidamente se o uso do termo “revelação”, largamente utilizado nas novas religiosidades recorrendo à Nova Era, é pertinente ou se se trata de um abuso de linguagem levando à confusão.

As características gerais da Revelação judeo-cristã que rapidamente acabamos de esboçar nos servirão de critérios de discernimento das múltiplas “revelações” que são oferecidas hoje em dia no mercado da espiritualidade.

Para simplificar nossa visão global das novas religiosidades, poderíamos reagrupá-las por “famílias”, isto é, baseado numa certa afinidade a nível das fontes.

## **AS REVELAÇÕES VINDAS DO ORIENTE**

As fontes de inspiração dos grupos neo-orientais são principalmente os escritos sagrados da Índia e do Japão. Estes não se apresentam como “revelações”, mas antes compilações de “manifestações” do divino cósmico; particularmente a partir das experiências místicas dos sábios.



Está claro que o diálogo de Krishna com Arjuna não está na ordem da “revelação”: trata-se de uma exposição filosófica apresentada como mito. A Mahabharata não tem a pretensão de ser uma obra revelada, no sentido que entendemos este termo.

Os pânditas a quem eu pude fazer a pergunta reconhecem, além disso, que o conceito de revelação quase não encontra seu lugar na filosofia naturalista que subentende as tradições orientais.

O horizonte ontológico destas filosofias religiosas é, com efeito, um monismo emanacionista, que exclui toda referência a um Deus transcendente e pessoal. Este seria antes denunciado como uma ilusão relevante do então mundo da dualidade.

Em tal perspectiva, o homem é uma emanção divina que certamente perdeu a memória de suas origens, mas não tem qualquer necessidade de “salvação”. No máximo ele pode beneficiar dos conselhos de um Mestre mais avançado que ele no caminho do despertar.

Este o iniciará nas técnicas apropriadas (físicas e mentais) para fazer morrer nele as manifestações do assunto pessoal e permitir-lhe alcançar por suas próprias forças, o estado de alerta ou de iluminação, chamado Moksha, Samaddhi, Satori ou Nirvana de acordo com as tradições.

Considerando as profundas divergências doutrinárias que esboçamos acima, estas proposições deveriam logicamente se desenvolver à margem do cristianismo e sem realmente interferir nele. Porém, isto não é nada. Bom número de movimentos neo-orientais sente a necessidade de integrar o Jesus dos Evangelhos em suas apresentações, o que se fará inevitavelmente às custas de uma profunda distorção da Revelação e da interpretação fiel das Escrituras.

## **Jesus guru**

Em geral, Jesus é comparado nestes movimentos a um guru que, depois de ele mesmo ter percorrido toda a via iniciática e ter voltado à iluminação, é rodeado de discípulos aos quais ele teria transmitido a sabedoria da Índia.

O mito da iniciação de Cristo no Oriente é antigo: nós já o encontramos nos escritos do filósofo Arthur Schopenhauer (1788-1860). Para “Salvar” o cristianismo de toda a contaminação semita, nosso autor imagina que na hora da fuga ao Egito, o jovem Jesus teria sido acolhido por Padres egípcios cuja religião é, segundo ele, de origem hinduísta.

Muito mais próximo de nós, Swami Siwananda, fundador da “Sociedade de vida divina” cujo ashram é estabelecido em Rishikesh, Himalaia, ensina um mito análogo: Jesus teria passado toda sua juventude – depois do episódio do Templo até o batismo – na Índia onde ele teria praticado yoga, vivendo entre os monges hindus e budistas. Tornando um perfeito iogui, ele teria voltado ao seu país e ensinado lá uma doutrina próxima do Hinduísmo e do Budismo. Suas palavras teriam sido, porém, mal-entendidas e transformadas por aqueles que as redigiram depois de algumas gerações.

Nos surpreendemos que um Swami hindu de tal notoriedade sinta a necessidade de “recuperar” assim, o Cristo para fazer dele um representante eminente de sua própria filosofia religiosa. De acordo com nosso autor, a suposta Revelação cristã seria mesmo só uma versão ocidentalizada e deformada do Hinduísmo.

Raros são, no entanto, os autores que se arriscam levar até o fim esta recuperação, pois, a interpretação da Cruz fora de toda perspectiva soteriológica, vai criar um grave problema. Com efeito, para um hindu ou um budista, Jesus, na Cruz, pode apenas expiar o mal “*karma*” que ele acumulou pelos crimes perpetrados em suas vidas precedentes. Em outras palavras, ele paga

durante sua Paixão o preço exigido pela lei implacável da retribuição. Daí a dificuldade de reconciliar este triste fim, que trai uma alma frustrada e pouco avançada no caminho do despertar, com o estatuto de guru que alguns gostariam de reconhecê-lo a fim de atrair os cristãos à doutrina deles.

## **Jesus avatar**

Os autores ocidentais afiliados a movimentos neo-orientais são mais audaciosos associando Jesus com um “*Avatar*”. Este termo no Hinduísmo designa as intervenções de Vishnou no curso da evolução cósmica, em vista de restabelecer a lei universal – o “*Dharma*”. Jesus seria um avatar reservado a nosso mundo ocidental.

A tradição hindu é bastante reservada diante desta recuperação ocidental da doutrina dos avatares cujo número é tradicionalmente bem definido para cada período da manifestação cósmica. Buda era em princípio o penúltimo dos principais avatares; ele sucedeu Krishna, e nós esperamos agora o décimo e último avatar do atual ciclo cósmico, chamado “*Kalki*” pelo Hinduísmo, “*Maitreya*” pelo Budismo.

É a razão pela qual Benjamen Creme, num esforço de síntese de todas as Tradições, anuncia o retorno de Cristo com o nome de Maitreya, o “Instrutor mundial”, cuja missão seria inaugurar a religião planetária única.

Todas estas especulações provam, porém, serem vãs em relação às profundas divergências entre a concepção do avatar e o mistério da encarnação redentora. Vishnou é um Princípio impessoal, uma modalidade do ser divino, que de maneira nenhuma saberia “encarnar-se” no sentido próprio do termo.

Além disso, os avatares não se manifestam necessariamente em formas humanas: Vishnu apareceria, primeiramente como um peixe, depois, na forma de uma tartaruga.

Nenhum vínculo com nossa concepção do mistério da encarnação no qual o Verbo – em quem reside “*toda plenitude da divindade*”. (Col 2, 9) – se faz carne de um modo bem real, e isto “*uma vez por todas*” (He 7, 27; 9, 12).

Pressentimos bem como a tentativa dos movimentos neo-orientais para integrar a imagem do Cristo dos Evangelhos nas doutrinas orientais, faz violência à Revelação cristã e não pode se alcançar senão pelo preço de uma traição inaceitável do essencial do dogma da encarnação redentora.

## **AS “REVELAÇÕES” ESOTÉRICAS**

### **Alguns princípios**

As diversas escolas esotéricas convergem sobre um certo número de axiomas dos quais três são pertinentes ao nosso assunto.

1. A cosmologia esotérica se apresenta como uma vasta teogonia. As diferentes doutrinas se desenvolvem efectivamente sobre o horizonte de um panteísmo emanacionista. No final de uma série de diferenciações no seio de Um primordial, o universo emana do Ser divino sob a ação de dois co-princípios antagônicos que regem igualmente sua evolução.

2. O princípio espiritual do homem é uma faísca divina que se introduz progressivamente nas camadas mais “densas” do Ser divino até sua “periferia”, isto é, até à matéria opaca, onde perde a lembrança de sua origem (percurso “involutivo”). Iluminadas por seus “Irmãos

primogênitos”, contudo, a alma vai recordar-se de sua natureza divina e engajar-se num caminho de retorno rumo à sua Fonte que ela alcançará depois de um número incalculável de encarnações na Terra, em seguida, em outros Planetas ou Astros (percurso “evolutivo”).

3. Durante este périplo evolutivo, a iniciação tem um papel primordial. Transmitida por seres mais avançados no caminho, a iniciação permite ao adepto transpor as etapas que lhe permitem tomar consciência progressivamente de sua natureza divina.

### **Um abuso de linguagem**

Mais uma vez somos conduzidos à mesma constatação: na ausência de Deus transcendente e pessoal não pode haver “revelação” propriamente falando. Portanto, é um abuso de linguagem falar de “revelações” esotéricas ou neo-gnósticas.

O termo ainda aparece a nível de um dos princípios fundamentais do esoterismo, à saber, a famosa “revelação” de Hermes Trismegisto consignada nas legendárias Mesas de esmeralda.

Este corpo que expressa uma semelhança perfeita entre todos os níveis da manifestação, no entanto, não responde a nenhum dos critérios da “revelação” no sentido judeo-cristão do termo. A lei de correspondência é antes um princípio de interpretação dos fenômenos, que serve de referência a toda a literatura denominada “hermética”.

### **Auxiliares não-divinos**

Para o esoterismo, todo homem será cedo ou tarde levado a descobrir sua natureza divina imanente sem que tenha necessidade de uma intervenção externa. No máximo o adepto pode beneficiar como dissemos há pouco, dos conselhos de “Irmãos primogênitos”, encarregados pela Hierarquia dos Espíritos celestiais de ajudá-lo em seu percurso evolutivo nesta terra.

Estas intervenções podem se apresentar de diferentes modalidades ativas do “channeling” – contato de um médium com um espírito superior que lhe entrega suas instruções – às “mensagens precipitadas”, isto é, à materialização de uma informação e de seu apoio.

Estes diversos modos de contato com os mundos paralelos foram amplamente utilizados por Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891), que pretende ter escrito *O Ísis desvelado* e, especialmente, *A Doutrina secreta* sob a direção de “Mahatmas” tibetanos. Estes lhe teriam transmitido suas instruções e ensinamentos por meio de “mensagens astrais” recebidas, seja por telepatia – *channeling* – ou por “precipitação”.

Estes Mestres tibetanos se apresentariam a ela como seres que têm evoluído além da condição humana e que prosseguem seu caminho em planos superiores. Eles fazem parte da “Grande Loja Universal Branca” encarregada de acompanhar a evolução de nossa humanidade durante sua permanência na Terra, particularmente, na aurora da nova era do Aquário que se anuncia.

Mais uma vez, fazemos a mesma constatação: em lugar de “revelação” precisaria falar de uma série de ensinamentos, revelando conhecimentos que ainda permanecem inacessíveis para os espíritos encarnados que nós somos, mas que estão de agora em diante disponíveis nos “arquivos akashiques”, a todos aqueles que desenvolveram sua medianidade astral. Segundo o esoterismo, todos, pessoalmente, em seu devido tempo alcançaremos isto durante nossas encarnações futuras.

Nas duas obras citadas, a Sra. Blavatsky pretende comentar – sempre sob a inspiração dos Mahatmas – um documento raro, único, existindo apenas um exemplar e intitulado: *As Estâncias de Dzyan*. Todos os livros sagrados de todas as culturas e religiões teriam sido redigidos a partir destas Estâncias que descrevem de maneira simbólica a história da evolução cósmica desde as origens até o começo da Era Negra, que coincide com a morte de Krishna, há quase 5.200 anos.

Ao olhá-las mais de perto, estas *Estâncias* não constituem mais uma “revelação”. Elas se apresentam, com efeito, como uma vasta memória das peripécias internas do Ser divino em evolução. Portanto, não se trata de uma Palavra dirigida por um Deus pessoal transcendendo à

criatura humana, em vista de um diálogo, mas antes de um tipo de compêndio que os videntes podem consultar para saber onde nos encontramos na involução/evolução do ciclo de manifestação em curso.

Além disso, o esoterismo não pretende trazer uma nova revelação, mas simplesmente desvendar o que permanece escondido ao comum dos mortais. O objeto do conhecimento secreto não é somente uma doutrina teogônica, mas também e, especialmente, um conhecimento de si: durante o rito iniciático, o adepto é antes “revelado” a si mesmo. A “palavra escondida” da qual fala o ritual da franco-maçoneria, não é uma alusão a uma alteridade divina, mas evoca o logos imanente e supostamente divina que a experiência iniciática crê ser capaz de “revelar” ao candidato e que lhe permite precisamente fazer a economia de toda Revelação externa.

### **Relações mantidas com a Igreja**

Senhora Blavatsky faz parte das raras exceções que não buscam integrar a revelação judeo-cristã em seu sistema, isto era feito às custas de “correções” importantes. Ela tem sido particularmente severa contra o cristianismo ou mais precisamente contra a Igreja que a qual acusa de ter deliberadamente ocultado o conhecimento esotérico crístico a fim de manter seu poder sobre os fiéis.

Helena Petrovna Blavatsky se singulariza especialmente defendendo a tese da não-historicidade de Jesus de Nazaré. Sua história contada no Novo Testamento seria apenas uma alegoria, recusando as verdades esotéricas. O nome do personagem posto em cena neste mito seria emprestado a um certo “*Yehoshua*” nascido em Lud ou Lyddia no ano 120 antes de nossa era.

Contudo, a maioria dos Mestres das escolas esotéricas, mais preocupadas em recuperar uma clientela cristã, tomam mais precaução a fim de evitar contrariar os crentes. Annie Besant, que sucederá a Senhora Blavatsky à frente da Sociedade teosófica que ela havia fundado, escreverá até mesmo uma obra com o título significativo: *O cristianismo esotérico*.

### **Interpretações crísticas pouco cristãs**

A abordagem não é nova: inspirando-se em autores gnósticos dos primeiros séculos, A. Besant põe em cena um Jesus iniciado aos mistérios essênianos e egípcianos que se deixam “adombrer”<sup>1</sup> na hora do batismo no Jordão por um Ser glorioso pertencendo à grande hierarquia espiritual que dirige a evolução de nossa humanidade.

Rudolf Steiner, dissidente da Teosofia e fundador da Antroposofia, torna ainda complexa as relações entre esta alta Entidade espiritual que nós chamamos “Cristo” e “os” Jesus concernentes.

Baseando-se numa interpretação um pouco fundamentalista das narrações da infância, nosso autor discerne, com efeito, dois meninos – Jesus. Na criança descendente de Salomão do qual Mateus fala se teria encarnado a individualidade de Zarathoustra que aí teria ficado até o décimo segundo ano do Jesus matiano.

É a idade em que Zarathoustra teria deixado o corpo deste primeiro Jesus e teria passado ao corpo do Jesus Lucano, da linhagem de Natan. Ele teria permanecido lá até o trigésimo ano deste segundo Jesus.

Em fim, na hora do batismo, a individualidade de Zarathoustra teria deixado também o corpo deste segundo Jesus, para dar o lugar à individualidade cósmica de Cristo.

Em tudo isso, nada dispensa da ordem de uma “revelação”: R. Steiner pretende adquirir seus conhecimentos por visão direta na memória do Akasha que conservaria a impressão astral de todos os acontecimentos ocorridos sobre a terra.

### **AS “REVELAÇÕES” OCULTAS**

Em geral, o ocultismo pode se definir como a colocação em prática dos princípios esotéricos. Não encontraremos, pois, mais “revelações” no ocultismo do que no esoterismo. Se nós

---

mencionamos, não obstante, esta “ciência”, é em razão da recuperação massiva do Cristo dos Evangelhos por alguns autores como Samaël Aun Weor, fundador da Associação (ou Igreja) gnóstica internacional.

Como autor gnóstico, ele deveria ter figurado junto dos esotéricos dos quais falamos acima. Mas como S. Aun Weor se faz o propagador de um “tantrismo crístico” fundado sobre a influência da energia astral pela “*magia sexualis*”, preferimos apresentá-lo sob o título “ocultismo”.

Como um bom gnóstico, nosso autor insiste no caráter não-histórico de Cristo: para ele, o Jesus da história não apresenta nenhum interesse. Os Evangelhos foram escritos pelos principiantes e para principiantes. Aquele que possui as chaves do hermetismo, descobre no percurso de Jesus Cristo, o drama cósmico da iniciação que todo o homem deverá percorrer um dia. A finalidade desta iniciação é formar em nós o Astral superior que Aun Weor designa pelo nome de Cristo. A técnica recomendada para desenvolver este corpo sutil é a colocação em prática da sabedoria divina da serpente, à saber, a magia sexual.

A serpente é apenas a *kundalini* da qual fala o tantrismo e que nosso autor a chama “Fogo crístico” ou “Espírito Santo”. Supõem-se que esta energia astral suba por canais apropriados desde a base da coluna vertebral até o ápice do crânio onde ela provoca a “iluminação”. Ao longo de sua ascensão, a *kundalini* abre sucessivamente os cinco *chakras* intermediárias entre *chakra* raiz e a *chakra* coronária, liberando a cada etapa os poderes ocultos correspondentes.

A interpretação dos Evangelhos proposta por nosso autor não cessa de surpreender. Aprendemos assim, que Jesus teria praticado a magia sexual e que nos convida explicitamente a praticá-la quando sugere de passar pela “porta estreita” para chegar ao Reino. A Grande Obra da qual nos fala a Revelação cristã residiria inteiramente na sublimação da energia sexual, estimulada numa união carnal durante a qual o homem se abstém de espalhar seu sêmen a fim de não perder nada da energia astral correspondente e fazê-la subir até o *chakra* coronário.

Nosso autor justifica a liberdade que ele toma com os textos bíblicos e, sobretudo, sua interpretação, pela afirmação pacífica de que a Igreja gnóstica é a única a ter mantido os textos gregos originais das Escrituras.

Logo, não podemos falar de uma nova “revelação”, mas de uma interpretação original do dado revelado; ou mais precisamente de uma recuperação da revelação cristã em benefício de doutrinas e práticas que lhe são radicalmente estranhas.

## AS “REVELAÇÕES” DOS ESPÍRITOS

### O espiritismo

Diferente das “famílias espirituais” que nós visitamos até aqui, o espiritismo anuncia explicitamente uma nova “revelação”. Em sua obra intitulada *O evangelho segundo o espiritismo*, o teórico do espiritismo, Allan Kardec – pseudônimo Hyppolite Rivail (1804-1869) – desenvolve a idéia segundo a qual Deus teria completado e realizado as duas primeiras revelações históricas por uma terceira redenção, última e definitiva.

Depois da Lei transmitida por Moisés, o Novo Testamento trazido por Cristo, o espiritismo seria a terceira revelação que não é personificada por nenhum indivíduo, porque se trata de ensinamentos vindos diretamente do céu pela voz dos espíritos que falam em todos os pontos da terra. Além do mais, é o próprio Cristo quem presidiria esta última regeneração da qual ele foi o precursor, preparando assim, o advento do Reino de Deus sobre a terra. Jesus não seria um médio transmitindo as mensagens de um “espírito” que Ele chamava seu “Pai?”

Porém, é necessário emitirmos novamente sérias reservas quanto a utilização do termo revelação no contexto do espiritismo.

Sem falar da pobreza do conteúdo destas supostas “revelações”, os espíritos que tomam a palavra nas sessões onde eles são invocados, não tem nada de transcendente: segundo A. Kardec, trata-se de “almas errantes”, isto é, de almas defuntas que, depois de ter deixado seu envoltório carnal, estão à espera da reencarnação.

A revelação espírita não é, pois, de maneira alguma obra do Deus Criador que chamaria o homem a uma nova relação com Ele sobre a base de uma transformação ontológica da criatura humana.

### **As múltiplas revelações dos espíritos em todos os gêneros**

A obstrução contemporânea para a magia denominada “cerimonial” abriu a porta a uma série de “revelações” vindas dos espíritos contactados durante os rituais praticando invocações, evocações, seduções e outros encantos.

A invocação designa o ritual de alta magia no decorrer do qual o mago chama e faz descer nele uma força cósmica, em geral personificada como um deus. A manifestação física desta união intencional com esta entidade é designada em teurgia pelo nome de “intoxicação” ou “possessão”, os termos destacam que o mago é investido até em suas faculdades psíquicas pelo poder invocado.

Este pode, desde então, servir-se do mágico para dar os oráculos, transmitir um poder durante uma iniciação e até mesmo ordenar aos espíritos inferiores que lhe são submissos. Encontramos as grandes características deste processo nas sessões de “*channeling*”, durante as quais um médium entra em estado de receptividade por um espírito particular, que dispõe de suas faculdades psíquicas ou até mesmo de seu corpo.

A evocação designa o ritual mágico pelo qual o ocultista recorre aos serviços dos espíritos sobre os quais ele recebeu autoridade por meio do “deus” invocado. O mágico pode interrogar a entidade evocada, obtendo assim, “revelações” cujo número só cresce, apesar da pobreza desarmante das mensagens.

Inútil retomar nossa análise: está claro que este tipo de revelação não tem estritamente mais nada a ver com o que entendemos por este termo no contexto da fé cristã.

### **Outras “revelações” que corrigem o cristianismo**

No desenvolvimento da “terceira revelação” de A. Kardec, deveríamos nos debruçar também sobre todas as “revelações” que pretendem continuar, corrigir ou terminar a revelação neo-testamentária. Para não carregar nossa apresentação, nós nos contentaremos em mencionar alguns nomes importantes ou bem conhecidos.

Citemos as revelações de Cristo ressuscitado consignadas por Joseph Smith (1805-1844) no *Livro dos mórmons*, e que deu origem à fundação da “Igreja de Jesus Cristo e dos Santos dos últimos dias”.

Mas também as *Testemunhas de Jeová*, sem esquecer da *Igreja da unificação* de Sun Myung Mun (1920), que pretende realizar a obra redentora de Cristo como “Senhor do segundo advento”.

### **AVALIAÇÃO**

Tentemos esclarecer alguns pontos comuns destas múltiplas “famílias de revelações” da qual pudemos constatar, de passagem, que nenhuma podia justificar a utilização deste termo.

### **Negação da Transcendência**

O termo “revelação” encontra-se cada vez mais vazio de seu conteúdo semântico próprio; ele não designa mais a Palavra de Qualquer-Outro transcendente dirigindo-se a sua criatura racional para convidá-la a entrar na Aliança; mas ele reenvia às descobertas que o adepto pode fazer durante a exploração de sua interioridade.

Este deslocamento de seu sentido conduz assim à negação implícita de Transcendência: daqui em diante a revelação se reduz à revelação de verdades imanentes que cada um será cedo ou tarde levado a se apropriar durante suas sucessivas encarnações.

## **Perda do caráter dialogal da Revelação**

Um dos pontos sobre os quais o Concílio Vaticano II insiste na Constituição dogmática sobre a Revelação Divina, *Dei Verbum*, é precisamente o caráter dialogal da Revelação. Este fato não é importante somente do ponto de vista teológico, mas também no nível antropológico. Ele ressalta, com efeito

- que o Deus que se revela é super - eminentemente pessoal, e
- que ele chama o homem – criado à sua imagem – a crescer nesta dimensão pessoal da qual ele carrega em si o germe.

Contudo, a auto consciência, a liberdade, a responsabilidade às quais a pessoa é convidada a despertar em resposta ao chamado da Alteridade absoluta, se tornam paradoxalmente no contexto dos naturalismos, os piores inimigos da progressão do adepto para a fusão com o Eu impessoal divino. A chamada “revelação” que procura a iniciação conduz, com efeito, a um caminho diametralmente oposto, visto que, muito pelo contrário, favorece a diluição do “eu” pessoal e conduz à negação da alteridade considerada como ilusória.

## **Banalização da revelação**

Da negação da Alteridade transcendente de Deus, resulta imediatamente como consequência que a revelação bíblica é apenas uma aproximação entre outros do mistério divino. Ela não é mais acolhida como uma iniciativa de Deus vindo em socorro do homem em busca do absoluto; mas ela é posta em pé de igualdade com a multidão das filosofias religiosas nas quais os homens tentam expressar sua compreensão do Mistério.

A Revelação é uma entre as numerosas “revelações” de todos os gêneros que florescem em nossos dias. Ela até mesmo teria a tendência de ser desconsiderada em relação a estas, por causa precisamente da afirmação da Transcendência divina, concepção que o naturalismo ambiente associa a um dualismo arcaico.

## **Contestação do caráter histórico da Revelação**

O divino cósmico de naturalismos não saberia intervir numa história que é concebida como um conjunto de transformações internas ao Único. Fruto da emergência progressiva da dualidade e multiplicidade no seio do divino primordial, a história é apenas uma ilusão efêmera da qual é preciso afastar-se a todo custo.

No máximo o divino se manifesta periodicamente na forma de Avatar, para fazer os homens tomarem consciência de que a história é uma teogonia da qual eles são os atores divinos: neles, Deus toma consciência de si, antes de voltar à sua unidade primordial.

## **Perda de sentido do conceito de salvação**

Correlativamente, a noção de salvação perde seu sentido no contexto naturalista próprio às novas religiosidades que proclamam a divindade natural do homem. De que este homem divino deveria ser “salvo” senão da ilusão persistente de ser um indivíduo entre tantos outros e estar submisso a um Deus transcendente a quem ele teria de prestar contas?

A noção de “graça divina” é recuperada para designar as energias sutis da natureza divinizada, e a salvação é desde então reduzida à imersão progressiva nas energias ocultas.

Como todos os espíritos são necessariamente divinos, visto que eles são também centelhas divinas em evolução, o termo “Espírito Santo” será utilizado sem distinção por todo espírito suposto benevolente e pertencendo a um grau de evolução superior àquele dos habitantes de nosso planeta.

Mesmo se os espíritos perversos, os Demônios, têm de acordo com esta doutrina sua função a cumprir na evolução; o que justifica de uma única vez as duas formas de magia: a branca e negra.

Estas constituiriam dois modos complementares da ação oculta, chamando as forças antagônicas, mas todas as duas indispensáveis à evolução do cosmos.

### **Perda da especificidade do conceito de inspiração**

Não há mais necessidade de uma ação da graça divina, isto é, de uma intervenção do Espírito Santo para iluminar a inteligência dos hagiógrafos de forma que eles interpretem corretamente os acontecimentos nos quais Deus nos fala, nos educa, nos corrige e conduz. Todo homem pode alcançar por ele mesmo – isto é, praticando as técnicas apropriadas – os estados de consciência modificados que lhe permitem unir-se às energias divinas e adquirir a plenitude do conhecimento.

Este acesso ao divino é, no entanto, mediatizado pelos “espíritos” dos mundos superiores que o adepto deve invocar graças aos rituais apropriados. Este aspecto teurgico, próprio à alta magia, conduz inevitavelmente à confusão entre a inspiração obra do Espírito Santo, isto é, do Espírito de Jesus Cristo e a inspiração pelos espíritos dos planos ocultos superiores, de onde agiria a “Hierarquia Branca Universal”, encarregada de guiar a evolução de nossa humanidade.

### **Perda de sentido do conceito de Tradição**

A Revelação não é somente consignada nas Escrituras, mas nos é transmitida na Palavra de Deus interpretada pelo Magistério, à luz da Tradição. A Revelação nos dá assim acesso ao acontecimento Jesus Cristo, ao mistério da encarnação redentora que embora tenha acontecido há mais de dois mil anos, continua presente e agindo ao longo da história. Por isso, a Palavra deve ser lida na continuidade das interpretações que constituem a Tradição eclesial.

O cristianismo não é uma gnose, mas se fundamenta inteiramente na fé, fruto do encontro com o Deus vivo que se revela em Jesus Cristo.

Este encontro entre o Esposo divino e sua Esposa, a Igreja, se aprofunda ao longo de seu caminho comum para a Parusia. Por este motivo a Revelação cresce no transcurso do tempo; não que a Igreja acrescentaria elementos novos ao depósito que lhe foi confiado, mas porque ela tira continuamente de seu tesouro coisas novas e antigas.

Dizer isto daqui em diante com a expressão consagrada de Maurice Blondel, repetida pelo cardeal de Lubac: *“ao longo da história, a Tradição transmite o conteúdo da fé, do implícito vivido ao explícito conhecido”*.

Desde as origens, a Igreja não cessou de aprofundar o mistério de seu Senhor, à luz do Espírito que lhe enviou de junto do Pai. Sob a conduta deste Espírito de verdade, ela continua sua busca da face daquele do qual vive, mas para o qual seu coração suspira até que o contemple face a face na plena luz do Reino.

Não encontramos nada disto na concepção da Tradição transmitida pelas novas religiosidades. Como não há acontecimento fundador que dá sentido à história e orienta o futuro, quase não precisa de um trabalho hermenêutico para transpor a distância temporal que nos separa disto. Tudo é dado em plenitude a todo instante a quem sabe abrir-se aos níveis mais sutis do divino onipresente visto que ele já é tudo em todos.

Neste sentido, poderíamos dizer que as novas religiosidades mostram uma impaciência escatológica: elas consideram que o Reino de Deus se identifica ao mundo manifestado; mais ainda: que este mundo se identifica ao divino do qual emana. Daí em diante já teríamos a plenitude do conhecimento como parcelas da divindade; nos seria suficiente tomar consciência do caráter divino de nossa natureza.



Desde então, nenhuma necessidade de velar ciosamente sobre um depósito da fé que se trataria de transmitir de geração em geração e de enriquecer com o passar dos anos: a única coisa que seria necessário absolutamente proteger sem alterá-la é a disciplina iniciática, pois é ela que faz sair da ilusão do múltiplo e abre à consciência divina.

Há, pois, tradições iniciáticas que transmitem não *varietur* os rituais invocatórios e evocatórios permitindo contactar os supostos seres superiores para introduzir o adepto a níveis de consciência superiores.

Em sua peregrinação às Fontes, o Discípulo aprende então progressivamente a Tradição. Aqui, este termo designa a gnose universal, a verdade última sobre o divino, o mundo e seu futuro, o homem e seu destino. Este conhecimento exaustivo e propriamente divino sobre todas as coisas, seria consignado na memória do Akasha onde todos os fundadores de todas as religiões teriam vindo consultá-la para nela se inspirarem. As divergências ou até mesmo as oposições entre as Tradições religiosas, seria devido apenas ao fato de que os discípulos dos Mestres acabaram deformando seus propósitos e desfigurando sua doutrina.

De acordo com o esoterismo, esta Tradição primordial permanece sempre disponível a todos os pesquisadores do invisível; aqueles que as consultaram não teriam mais necessidade que lhes ensinem: eles teriam adquirido o conhecimento absoluto, propriamente divino e, desde então, participariam da imortalidade da verdade única e indivisa.

Inútil insistir no abismo que separa esta concepção de uma gnose estática, inalterável, indevidamente chamada “Tradição”, com a verdade da Revelação, que está essencialmente na Pessoa de Jesus Cristo, em quem vemos o Pai na luz do Espírito Santo. Quanto à Tradição, ela é a própria vida de Cristo no coração da Igreja, vida divina que cresce ao longo da história até à plena comunhão trinitária no amor.

### **Uma interpretação redutora da Pessoa de Jesus Cristo**

Na perspectiva naturalista das novas religiosidades, Jesus pode certamente se dizer filho de Deus como todos os homens o são; mas, Ele não pretenderia ser o Filho *único* de Deus. Ele perde toda unicidade: ele é apenas um Mestre, Discípulo ou Guia de nossa humanidade entre tantos outros que o precederam e todos aqueles, ainda mais numerosos, que o seguirão. Estando certo de que seus sucessores serão superiores a Ele em sabedoria e em poder, visto que, atingirão um nível mais elevado de evolução do que Ele.

O Cristo que, segundo o esoterismo, deve vir brevemente – depois de tantos outros que vieram antes dele – não diferirá essencialmente de todos os espíritos divinos em evolução através da matéria.

Aliás, o Messias não será necessariamente um personagem individual: em certas apresentações, isto se parece mais com a emanção coletiva de um espírito cósmico, análogo ao “*nós*” gnóstico.

### **A fé é esvaziada de sua substância**

As novas religiosidades, do esoterismo da Senhora Blavatsky ao espiritismo de Allan Kardec, todas se vangloriam de tornar a fé vã. O que o cristão supôs crer, as novas religiosidades fazem seus adeptos experimentarem diretamente.

A senhora Blavatsky não hesita em denunciar a fé como uma loucura, voluntariamente mantida pela Igreja com o objetivo de manter seu poder sobre as massas. E Allan Kardec é carregado de simplismo quando pretende que os espíritos nos façam tocar com o dedo o além, permitindo-nos ter a certeza da imortalidade da alma.

Tudo isto deixa subentendido por parte destes autores, uma concepção redutora, negativa da fé: ausência de conhecimento, ausência de experiência direta, vazia, ignorância, obscurantismo; resumindo: a mais triste miséria espiritual. Nenhuma alusão à graça, ao Espírito, às virtudes teologais e por causa disto: a graça como vimos é confundida com as energias ocultas; também o único meio de conhecê-la seria de acordo com a esotero-ocultismo, deixar-se investir pelas práticas de iniciação e pela invocação dos espíritos.

A fé como encontro pessoal com Cristo, adesão existencial à sua Pessoa, comunhão de amor com o Pai no Espírito, é totalmente ignorada das novas religiosidades.

### **A primazia da experiência**

A primazia dada hoje à experiência, buscada de um modo absoluto, isto é, independentemente do contexto doutrinal que lhe dá sentido, não deixa indemne os cristãos. Esta super-valorização da experiência chamada “espiritual”, conduz a erguer esta em critério de credibilidade ou até mesmo de verdade, da Tradição que a propõe.

O slogan muito na moda do sincretismo prático poderia exprimir-se como segue: “A teologia divide, enquanto que a mística une. Ao invés de se defrontar sobre textos ou interpretações ultrapassadas, mergulhemos na experiência que faz comungar além das palavras que separam”.

Recordemos que o tema da “experiência de Deus” não é um tema bíblico. Na perspectiva da mística sobrenatural, não experimentamos Deus como um estado subjetivo particular: ou melhor uma tal experiência sempre seria apenas psíquica.

*“Ninguém deve tender por seus próprios meios às graças místicas, nos adverte o cardeal Baltasar; e não podemos nos exercitar nesta por qualquer técnica. Além disso, toda prática é excluída visto que no contexto cristológico estes são sempre graças da Paixão. Os estados místicos provocados por uma prática que não têm qualquer relação com a Paixão de Cristo são imediatamente sem significação cristã<sup>2</sup>”.*

A qualidade de minha vida espiritual não se mede pela intensidade de minhas experiências místicas, mas pela maturidade de minha fé, isto é, pela fidelidade de minha pertença a Cristo, a generosidade de minha obediência à Palavra, a profundidade de meu arrependimento, a prontidão e o desinteresse de meu serviço fraterno, breve no acolhimento do Espírito que me permite viver na caridade: *“Quem permanece no amor permanece em Deus e Deus n’Ele”* (1 Jo 4, 16).

*“Não é a pureza abstrativa, mas a pureza moral da alma, ligada à obediência eclesial que nos protege das ilusões. Entrar em si mesmo no Antigo e no Novo Testamento não quer dizer abstração intelectual por concentração, mas conversão do coração, consciência de ter-se alienado longe de Deus e de seus mandamentos. Converter-se é desviar imediatamente o olhar de si mesmo e voltá-lo para Deus e sua Palavra que chama e mostra o caminho”<sup>3</sup>.*

Quando os discípulos pedem a Jesus: *“Senhor, ensina-nos a rezar”*, seu Mestre simplesmente os dirige para Aquele qu’Ele chama *“Meu Pai que é vosso Pai, meu Deus que é vosso Deus”* (Jo 20, 17) e os convida a entrar em sua oração filial, toda impregnada de confiança, ternura, abandono e adoração.

---

Todas as escolas de oração não têm outro objetivo que o de nos ajudar a ir em direção Aquele que bate à porta de nosso coração como um mendigo de nosso pobre amor: *“Eis, que eu estou à porta e bato. Se alguém escuta a minha voz e abre a porta, eu entrarei em sua casa e cearei com ele e ele comigo”* (Ap 3, 20).

É preciso escutar os grandes oradores falar de oração para perceber que ela é, em sua essência, o gemido de um coração inflamado pelo ardor do Fogo do Amor divino. Para a questão: *“O que é a oração?”*, uma Carmelita muito conhecida, Teresa de Lisieux responde: *“Um diálogo de amor com Deus. Uma permuta de amizade com Ele do qual nos sentimos amado. Um impulso do coração, um simples olhar voltado para o céu, um grito de reconhecimento e de amor no seio da prova como no seio da alegria; algo de grande, de sobrenatural que me dilata a alma e me une a Jesus<sup>4</sup>”*.

O cardeal Baltasar entra no mesmo sentido quando escreve: *“Toda meditação católica é sem ultrapassagem cristológica possível. É na união indissolúvel de Deus e do homem em Jesus Cristo, que se situa, tanto para cada fiel quanto para a Igreja no meio da história universal, o caminho, a verdade e a vida”<sup>5</sup>*.

Como Santa Teresa d’Ávila já recordava, numa época de grande curiosidade espiritual que não está sem relação com a nossa: *“Vocês vão acreditar que a alma favorecida por Deus não meditará sobre os mistérios da Humanidade Santíssima de Nosso senhor Jesus Cristo, embora consagrada inteiramente ao amor. Eu vi o demônio tentar me enganar por este meio, fui nesse tempo tão bem escaldada que apesar de sempre ter falado disto, creio ser bom repeti-lo aqui a fim de que vocês se mantenham vigilantes. Não devemos nos distanciar de nosso bem maior, de nosso remédio o mais eficaz que é a santíssima Humanidade de Jesus Cristo. Certifico às almas que se distanciam desta que elas não entrarão nas últimas moradas porque se elas se distanciam do guia, que é o Bom Jesus, elas não encontrarão o caminho; isto já será muito se elas chegassem a se manter nas moradas precedentes”* (Castelo Interior, VI morada, § VII, 5-6).

É o Pai quem chama, é Ele quem suscita em nós o desejo de responder e é Ele ainda quem nos conduz no caminho da Vida filial. E tudo isto gratuitamente, por puro Amor, esperando em retorno somente o nosso pobre consentimento à sua iniciativa de salvação em Jesus Cristo. Não haveria aí alguma coisa de chocante em propor técnicas – com todo o caráter pessoal que este termo implica – para aprender a amar?

*“Mas tudo isso, que para mim eram vantagens, considerei perda por Cristo. Na verdade, julgo como perda todas as coisas, em comparação com esse bem supremo: o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor. Por ele tudo desprezei e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo e estar com ele. Não com minha justiça, que vem da lei, mas com a justiça que se obtém pela fé em Cristo, a justiça que vem de Deus pela fé. Anseio pelo conhecimento de Cristo e do poder da sua Ressurreição, pela participação em seus sofrimentos, tornando-me semelhante a ele na morte. Com a esperança de conseguir a ressurreição dentre os mortos. Não pretendo dizer que já alcancei (esta meta) e que cheguei à perfeição. Não. Mas eu me empenho em conquistá-la, uma vez que também eu fui conquistado por Jesus Cristo. Consciente de não tê-la ainda conquistado, só procuro isto: prescindindo do passado e atirando-me ao que resta para a frente, persigo o alvo, rumo ao prêmio celeste, ao qual Deus nos chama, em Jesus Cristo”* (Fil 3, 7-11).

Esta avaliação não pretende ser exaustiva: ela quer sublinhar somente o quanto o novo paradigma religioso – porque é bem disto que se trata – distancia-se do antigo, isto é, da concepção cristã de Deus, do homem e do destino do mundo.

Um dos grandes desafios que nós temos que destacar como cristãos neste começo do terceiro milênio, consiste em preservar a pureza e a integralidade da Revelação divina, a fim de que o acesso a Jesus Cristo, Senhor e Salvador seja sempre acessível aos homens de nosso tempo.

A preocupação não seria de colocação: o Espírito vela sobre a Esposa do Cristo; mas ser sereno em relação ao futuro não significa, entretanto, que nós assistamos passivamente às transformações de mentalidades, sem produzir o esforço indispensável para inculturar nossa fé.

A evangelização da cultura implica numa inculturação do Evangelho; isto é, um esforço constante para anunciar a mensagem de Cristo de maneira que este seja percebido em sua especificidade por nossos contemporâneos. O que implica, hoje, numa redefinição de nosso vocabulário a fim de evitar toda confusão devida à recuperação dos termos cristãos pelas novas religiosidades em busca de audiência.

Trabalho árduo, mas gratificante, porque nos permite redescobrir com um novo deslumbramento e uma alegria aprofundada, a beleza da mensagem.

Que o Espírito nos inspire as palavras que conduzem à Palavra, de forma que o Cristo Jesus nosso Senhor possa continuar sua obra de salvação no coração dos homens que o buscam com retidão.

Padre Joseph-Marie VERLINDE  
*Família de São José*

## **Notas**

<sup>1</sup> Cobrir de sombra. Na terminologia própria ao esoterismo, e mais particularmente à magia branca, o “adobrement”, seja a ação de “adobrer”, é um modo nobre e não constrangedor de possessão, por uma entidade necessariamente espiritual bem avançada.

<sup>2</sup> H. URS VON BALTHASAR, Novos pontos de referência, Fayard, Paris, 1980, p. 117 a 130.

<sup>3</sup> Ibid.

<sup>4</sup> Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, Manuscrito Autobiográfico C, folio nº 25; Obras completas, Cerf / DDB, Paris, 1992, p. 268.

<sup>5</sup> H. URS VON BALTHASAR, Novos pontos de referência, op. cit.

## **NOMEACÕES**

PROVINCIA DA ETIÓPIA: Irmã Aster ZEWDIE foi designada Visitadora por mais três anos, em 19 de dezembro de 2007

PROVINCIA DE MADAGASCAR: Irmã Madeleine HAOVASOA foi designada Visitadora por mais três anos, em 19 de dezembro de 2007

PROVINCIA DO CHILE: Irmã Júlia Moreno MARTINEZ foi designada Visitadora em substituição da Irmã Maria Isabel Ruiz Ruiz, em 20 de fevereiro de 2008

PROVINCIA DA GRÃ-BRETANHA: Irmã Maria RAW foi designada Visitadora em substituição da Irmã Sarah KING-TURNER, em 9 de abril de 2008

PROVINCIA DA ALBANIA: Irmã Kathleen APPLER foi designada Visitadora em substituição da Irmã Mary Francis MARTIN, em 2 de maio de 2008

PROVINCIA DE LOS ALTOS HILL: Irmã Marjory BAEZ foi designada Visitadora em substituição da Irmã Margaret KEAVENEY, em 29 de maio de 2008

\* \* \* \* \*

PROVINCIA DE BARCELONA: o Padre José Ignacio CAAMANO DOMINGUEZ foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 15 de outubro de 2007.

PROVINCIA DO CHILE: o Padre Luis Fernando MACIAS FERNANDEZ foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 28 de novembro de 2007

PROVINCIA DA ERITRÉIA: o Padre Rufael MEHARI foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 29 de novembro de 2007.

PROVINCIA DO HAITI: o Padre Stanislaw SZCZEPANIK foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por um ano, em 18 de janeiro de 2008.

PROVINCIA DE EMMITSBURG: o Padre Joseph DALY foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por um ano, em 20 de fevereiro de 2008 e o Padre John TIMLIN foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade a partir de 2009.

PROVINCIA DA ÁFRICA CENTRAL: o Padre David SARMIENTO foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos, em 20 de fevereiro de 2008.

PROVINCIA DE RECIFE: o Padre Carlos César GONCALVES DE OLIVEIRA foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 20 de fevereiro de 2008.

PROVINCIA DA ESLOVÊNIA: o Padre Joze ZUPANCIC foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por um ano, em 20 de fevereiro de 2008 e o Padre Rok GAJSEK foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade à partir de 2009.

PROVINCIA DE PORTUGAL: o Padre José Maria PEREIRA foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos, em 20 de fevereiro de 2008.

PROVINCIA DA TAILÂNDIA: o Padre Danilo ABOGADO foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos, em 1º de abril de 2008.

PROVINCIA DE PORTO RICO: o Padre Stanislaw SZCZEPANIK foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 9 de abril de 2008.

PROVINCIA DA ESLOVÁQUIA: o Padre Stanislav ZONTAK foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 22 de maio de 2008.

PROVINCIA DA HUNGRIA: o Padre Victor KUNAY foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por três anos, em 18 de junho de 2008.

## VISITA DOS SUPERIORES

Irmã Evelyne Franc, Superiora geral  
e Irmã Margaret Barrett, Assistente geral

Visita à Província da Irlanda  
14-15 de março de 2008

**No dia 14 de março de 2008, em Belfast** (Irlanda do Norte), a Senhora Carmel McCarran, primeira Diretora leiga do Estabelecimento polivalente de Ensino Superior Santa Luísa, acolhe Irmã Evelyne Franc, Superiora geral como convidada de honra, para celebrar os 50 anos de existência de sua grande Escola. Irmã Evelyne, acompanhada por Irmã Margaret Barrett, Assistente geral e Irmã Catherine Prendergast, Visitadora da Província da Irlanda, fez uma visita rápida pela Escola; lá ela é cordialmente acolhida por músicos, cantores e dançarinos talentosos.

Em seguida, foi celebrada a Missa na Catedral por Monsenhor Patrick Walsh, Bispo da Comarca de Down e Connor. No final da celebração, Irmã Evelyne dirige-se aos estudantes, aos membros do pessoal e aos convidados. Ela presta homenagem ao pessoal da Escola Santa Luísa que é inteiramente consagrada ao bem-estar dos estudantes durante os anos traumáticos que a cidade de Belfast experimentou. Ela diz o quanto a Companhia é engrandecida por estar associada a este estabelecimento pela contribuição das Irmãs e do espírito vicentino que lá reina. Olhando rumo ao futuro, ela emite esta oração: *“Que a Escola Santa Luísa continue dando a seus estudantes dois presentes que não têm preço: raízes e asas. Raízes da cultura e da fé, asas para levantar vôo na sociedade e aí comunicar a alegria e a esperança que os habita”*.

No momento da refeição, Irmã Evelyne, Irmã Margaret e Irmã Catherine se encontram com os membros do Conselho de administração e de pessoal, os ex-alunos, as Irmãs vindas de numerosas regiões da Irlanda, os amigos e os associados da Escola colocada sob a proteção de Santa Luísa. Para todos, foi a ocasião de conhecer pessoalmente a 55ª sucessora de Santa Luísa de Marillac.

No caminho entre a Escola e a Catedral, as visitantes fazem uma volta rápida neste bairro (aonde as primeiras Irmãs chegaram em 1900) que tanto sofreu durante os anos de instabilidade e de violências políticas.

À tarde, elas se reúnem com os funcionários e residentes do Hotel Moyard e da Casa Gráinne onde as Irmãs trabalham com famílias que se encontram temporariamente sem domicílio. Antes de voltar a Glen Road, visitam o Lar Stella Maris para os doentes alcoólatras sem abrigo, mantido pela Associação “De Paul Trust”. Irmã Evelyne dialoga um pouco com os funcionários e residentes.

A visita de Belfast termina às 16h30 por uma reunião com as Irmãs que vieram participar da celebração, reunidas em Glen Road para cumprimentar as visitantes antes de partirem para o santuário Marial de Knock, no Condado de Mayo, no Oeste da Irlanda.

Às 21 horas mais ou menos, Irmã Evelyne, Irmã Margaret e Irmã Catherine chegam à **Casa Santa Maria, no Santuário de Knock**, e são acolhidas por 80 Filhas da Caridade e o Padre Eamon Flanagan, Diretor Provincial que lhes cantam um ressonante “Céad míle fáilte” o que significa “100.000 boas-vindas”. Durante sua palavra de boas-vindas, Irmã Elma Hurley, Irmã Servente da Comunidade de Knock, destaca a coincidência desta Visita com a celebração das festas de São José, de Santa Luísa e de São Patrick, Patrono da Irlanda.

Na manhã do dia seguinte, o Reitor do Santuário, Reverendo Quinn, acompanha as visitantes e apresenta-lhes os diferentes imóveis do Santuário: os lugares para o culto (Igreja São João Batista onde ocorreu a Aparição, Basílica, Capela da Reconciliação recentemente construída, Santuário da Aparição reconstruído...), os centros para a pastoral, as casas de acolhimento para os peregrinos e os doentes, o museu...

### História do Santuário de Knock

*Foi numa quinta-feira, 21 de agosto de 1879, mais ou menos às 20 horas, que uma visão apareceu na altura do frontal sul da Igreja São João Batista. 15 pessoas, homens, mulheres e crianças de 6 a 75 anos, recitando o Rosário, contemplaram a aparição durante duas horas sob uma intensa chuva. Todas as testemunhas puderam ver a Virgem Maria claramente, vestida de branco com uma rosa dourada na frente e uma coroa cintilante na cabeça. À sua direita estava São José e São João à sua esquerda. Atrás deles, em um altar sem decoração, apareciam uma cruz e o Cordeiro de Deus cercados por anjos.*

*Para os habitantes desta região da Irlanda atingidos pela pobreza e a fome e onde o desemprego, a desapropriação e a emigração eram uma realidade quotidiana, esta aparição representava a esperança, a consolação e a força na adversidade. Desde esta época, o Santuário de Knock se tornou um lugar importante de devoção e de peregrinação, um lugar de encontros “privilegiados” entre Deus e os homens.*

*Os peregrinos acorrem cada vez mais numerosos e hoje, Knock atrai mais de um milhão de peregrinos cada ano. Em 1979, para o centenário da Aparição, João Paulo II veio aí fazer uma peregrinação. A visita do Papa confirmou o caráter sagrado do Santuário que se tornou um dos maiores Santuários do mundo. As Filhas da Caridade trabalham lá há 70 anos.*

Depois da visita dos lugares, Irmã Evelyne, Irmã Margaret, Irmã Catherine e todas as Irmãs participaram da Eucaristia celebrada em honra de Santa Luísa na Capela da Aparição. Ela foi presidida por Dom Michael Neary, Arcebispo de Tuam e celebrada pelo Padre Flanagan, o Reverendo Quinn, o Padre Gibbons e três outros Lazaristas. No início da Missa, o Arcebispo Neary e o Reitor Quinn destacaram o vínculo que une o Santuário de Knock à Capela da Rua do Bac. No final da Missa, duas Irmãs idosas da Comunidade de Knock - Irmã Martha e Irmã Lucy – foram homenageadas e receberam a medalha do Mérito papal das mãos do Arcebispo Neary e do Reverendo Quinn. Ambas prestaram um longo serviço à pastoral do Santuário e ao acolhimento dos peregrinos. Em seguida, o Reverendo Quinn convidou Irmã Evelyne e Irmã Margaret a subir ao altar para entregar-lhes uma medalha comemorando a Aparição.

À tarde, Irmã Evelyne se dirige a todas as Irmãs reunidas. Em sua conferência, ela fala do futuro, da vida comunitária, de nosso dom a Deus e aos outros. Em preparação à Semana Santa, ela nos convida a aprofundar nossa relação com Cristo que se doa até o fim e a imitar Maria, nossa Mãe, inteiramente aberta à Vontade de Deus.

À noite, Irmã Evelyne vai para o aeroporto de Shannon para aí tomar o avião em direção de Paris.

Agradecemos a Deus por esta visita privilegiada e imploramos a benção de Deus sobre Companhia inteira.

Irmãs Rosaleen MACMAHON e Elma HURLEY  
*Filhas da Caridade*

## TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província da Amazônia

### V Encontro Interprovincial do Serviço de Animação Vocacional Vicentina

1-5 de abril de 2008

De 1º a 5 de abril de 2008, o Serviço de Animação Vocacional Vicentina das Províncias das Filhas da Caridade e dos Padres da Missão do Brasil, se reuniu em Belém – Pará (região Norte do país) para o V Encontro interprovincial reunindo ao todo 60 participantes, Irmãs, Padres Lazaristas e Seminaristas. O tema deste Encontro: “*Discipulado e missão a serviço de vida*” e o lema: “*Na escola de Jesus seremos mais sensíveis aos novos desafios*”.

Ao longo destes dias, 4 assessores desenvolveram este tema destacando nossa responsabilidade de animadores vocacionais vicentinos em chamar os jovens para seguir o Cristo e acompanhá-los neste caminho de fé e de serviço. Isto exige dos acompanhadores fazer-se próximo dos jovens através de uma dinâmica de acolhimento, de escuta, uma maturidade afetiva, um conhecimento das realidades vividas pelos jovens, uma capacidade em abordar os desafios atuais. Estas qualidades do acompanhador são necessárias para redinamizar nossa pastoral vocacional vicentina.

O clima de fraternidade que reinou entre nós durante todo o encontro e as partilhas de experiências suscitaram frutos de profecia e de esperança para o futuro do Serviço Vocacional. Após a análise das experiências partilhadas, escolhemos as seguintes Linhas de Ação a fim de revitalizar nosso serviço de animação vocacional nos três próximos anos:

#### **1 - Formação**

\* *Objetivo:*

Intensificar a Formação dos Animadores Vocacionais, numa mística vicentina, atendendo as diversas realidades, especialmente da cultura urbana.

\* *Meios :*

- Propor cursos de aprofundamento sobre o carisma, a espiritualidade, a formação humana, assuntos da atualidade...
- Trabalhar em parceria com os diferentes serviços e pastorais da Igreja.

#### **2 - Missão**

\* *Objetivo:*

*Estar conscientes como Família Vicentina de nossa responsabilidade missionária.*

\* *Meios :*

- Atuar com a juventude nas diversas formas de pobreza (escola, família, paróquia, Missões Populares Vicentinas...)
- Ser promotores vocacionais pelo testemunho e a maneira de viver o carisma.

#### **3 - Metodologia**

\* *Objetivo:*

*Aprofundar a metodologia do Serviço Vocacional proposta pelo II Congresso Vocacional do Brasil.*

\* *Meios:*

- Inserir-se na realidade dos jovens, vivendo a identidade missionária de nosso carisma
- Trabalhar na catequese e anúncio, no cultivo da vocação e no discernimento vocacional.



O Encontro termina com uma Eucaristia festiva. À exemplo dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35), nos foi proposto ir em missão no Serviço de Animação Vocacional Vicentina, vivendo estes 5 pontos:

- **Colocar-se a caminho:** *ser peregrino, itinerante, sair de si mesmo;*
- **Encontrar-se com os jovens:** *tornar-se próximo deles, aprender com eles, guiá-los na caminhada,*
- **Acolher o convite:** *“fica conosco”;*
- **Celebrar:** *fazer a experiência de partilhar o pão, a vida, as lutas, as alegrias e as esperanças dos jovens,*
- **Partir em Missão:** *anunciar: “O Senhor está vivo! Ele está em nosso meio”.*

No final da Missa, as Províncias do Brasil foram enviadas sob a proteção de Maria, Rainha da Amazônia.

Em seguida, depois das palavras de agradecimento de alguns participantes, Irmã Maria Cristina Cardoso da Silva, Visitadora da Província da Amazônia, encerrou o Encontro, agradecendo a todos que contribuíram em sua organização e realização, pedindo à Virgem Maria, única Mãe da Companhia, de continuar guiando cada um em sua caminhada vocacional.

Irmãs Anagilsa SAMPAIO BENTES, Irmã Cecília SÁ MIRANDA,  
Irmã Maria Rejiane DA MATA DIAS  
*Filhas da Caridade*

### TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província de Cali (Colômbia)

Formação dos pais de crianças deficientes  
a fim de se tornarem “co-terapeutas”

#### **Introdução**

Depois de vários anos, na Casa Provincial de Cali (Colômbia), um Centro de **Reeducação integral** oferece uma formação aos pais de crianças deficientes a fim de que os mesmos se tornem co-terapeutas junto aos seus filhos.

#### **O DEFICIENTE NO MUNDO**

A Organização Mundial da Saúde (OMS) conta mais de 500 milhões de pessoas deficientes através do mundo, ou seja 10% da população mundial. Nos países em conflitos, o número poderá atingir 18%.

Na Colômbia, o censo realizado em 2005 revelou que 6,5% de uma população de 41 milhões de habitantes sofrem de uma deficiência com diferenças marcantes de acordo com as regiões. Cali, 3ª maior cidade do país, conta 17.000 pessoas deficientes de 2 milhões e trezentos mil habitantes. Entre elas, 6.000 já receberam uma ajuda da parte do governo graças aos programas de prevenção e de reeducação.

Diante desta realidade que atinge a Província de Cali, as Filhas da Caridade se comprometeram em: cuidar de 30 pessoas deficientes em seus domicílios (com ajuda de Liliana Fonds) e de 80 no Centro de reeducação integral da Casa Provincial.

## **O CENTRO DE REEDUCAÇÃO INTEGRAL DA CASA PROVINCIAL DE CALI**

Este Centro desenvolve terapias para responder integralmente às necessidades da pessoa. Tem por objetivo formar os pais (sempre famílias monoparentais) a fim de que se tornem os co-terapeutas de seus filhos com dificuldades especiais, pela aquisição de técnicas adaptadas e participação no desenvolvimento e autonomia de seu filho, facilitando a relação com a família e seu meio social.

Este Centro cuida, sobretudo, do desenvolvimento neurológico. Acolhe meninos e meninas de 1 a 12 anos com deficiências de origem neurológica: síndrome de Down, alterações neurológicas, problemas de desenvolvimento, dificuldades de aprendizagem... Os cuidados concernem à fisioterapia, à fono-audiologia, à terapia ocupacional, à psicologia de educação especializada, à arte-terapia...

No campo da psicologia, a atenção é voltada ao equilíbrio afetivo dos pais. A arte-terapia é um meio importante para restaurar a afetividade da criança. Os profissionais, os voluntários (voluntários vicentinos da AIC), as Irmãs e os pais são convidados a zelar para que haja um conhecimento mútuo e a uma melhor qualidade nas relações. As crianças, por elas mesmas, descobrem capacidades pessoais desconhecidas e se tornam progressivamente mais autônomas. Elas adquirem hábitos de higiene e de boa apresentação, de bons hábitos alimentares e uma aptidão a se integrarem na Escola. Com os pais, elas participam de atividades do Centro com criatividade e entusiasmo. É uma alegria escutar os pais dizerem: *“Aqui, nós recobramos a esperança, não nos sentimos mais sozinhos em nossa responsabilidade de pais”*.

### **Formações para as crianças deficientes**

Um programa de neuro-desenvolvimento é dirigido mais especialmente às crianças com menos de 6 anos que têm alterações neurológicas. O objetivo consiste em equilibrar melhor o desenvolvimento sensorial da criança que deveria corresponder à sua idade e adquirir o melhor nível de autonomia. Os pais são convidados a participar das sessões de formações organizadas pelos terapeutas.

Outra formação específica se aplica às crianças de 3 a 5 anos. Tem por objetivo desenvolver as capacidades de cada criança no campo escolar afim de permitir mais facilmente sua integração numa classe normal.

Finalmente, uma formação é aplicada às crianças de 6 a 10 anos que têm dificuldades de aprendizagem. Elas são enviadas ao Centro pelas Escolas da cidade situadas nas zonas mais difíceis.

### **Avaliação da formação**

Para realizar o acompanhamento e a avaliação dos programas de formação, uma Irmã coordenadora conversa com os diferentes colaboradores dos projetos e aconselha sobre as diferentes etapas a percorrer.

A avaliação leva em conta a experiência dos profissionais, dos voluntários vicentinos e das Irmãs.

### **Conclusão**

Este serviço é um engajamento em favor dos mais fracos; queremos contribuir a garantir-lhes condições de vida dignas. Através deste serviço, nós nos esforçamos para veicular a ternura de

Cristo, transmitir o carisma vicentino e trabalhar em equipe afim de que todos sejam atores no desenvolvimento humano e espiritual das crianças deficientes.

Irmã Lúcia Gomez OVIEDO  
*Correspondente dos Ecos*

### **PALAVRA DE UM IRMÃO MUÇULMANO**

Província da Suíça-Turca

#### **Precioso Sacrifício**

*“É custosa aos olhos do Senhor a morte dos seus fiéis” (Sl 115, 15)*

Domingo, 3 de junho de 2007, o Padre Rageed Ganni foi morto com três de seus assistentes na saída da Missa na Igreja caldéia do Santo Espírito em Mosul. A notícia causou profundo pesar, indignação e amargura. Tratava-se de um jovem Padre, que acabava de chegar de Roma após seus estudos e sua ordenação, que já tinha conquistado a simpatia e a admiração daqueles que se aproximavam dele. A tragédia no Iraque é imensa, mas cada caso é bem singular e o deste jovem Padre pareceu-nos edificante. De retorno ao seu país, ele apenas começou um ministério frutífero que poderia ter durado longos anos, mas os acontecimentos fizeram o contrário. No entanto, já, se pode entender que sua morte não foi em vão e que suscita algumas reações além da comunidade cristã como testemunha esta emocionante carta escrita por um de seus amigos muçulmanos que tinha criado laços de amizade com ele em Roma durante seus estudos e que, apesar das diferenças religiosas, havia assimilado profundamente a qualidade da vida espiritual de seu amigo.

#### **Carta de um irmão e amigo muçulmano**

Meu irmão Ragheed,

Eu te peço perdão, irmão, por não ter estado ao teu lado quando os criminosos abriram fogo contra ti e teus irmãos, mas as balas que transpassaram teu corpo puro e inocente me transpassaram também o coração e a alma.

Foste uma das primeiras pessoas que conheci ao chegar a Roma, nos passeios do Angelicum, onde nos conhecemos e onde bebíamos juntos nosso “cappuccino” na cafeteria da universidade. Tu me havias impressionado por tua inocência, tua alegria, teu sorriso terno e puro que não te abandonava nunca. Eu não posso deixar de imaginar-te sorrindo, feliz, cheio de alegria de viver. Ragheed para mim é a inocência feita pessoa, uma inocência sábia, que leva em seu coração as preocupações de seu povo infeliz. Recordo um dia no restaurante da universidade, quando o Iraque estava sob embargo e tu me disseste que o preço de um só “cappuccino” teria podido sanar as necessidades de uma família iraquiana durante todo um dia, como se te sentisses de algum modo culpado de estar distante de teu povo assediado e de não compartilhar seus sofrimentos... Depois voltaste ao Iraque, não só para compartilhar com as pessoas seu destino de sofrimentos, mas também para unir teu sangue ao de milhares de iraquianos que morrem a cada dia. Não poderei nunca esquecer o dia de tua ordenação na Universidade Urbaniana... Com lágrimas nos olhos, tu me disseste: “Hoje morri para mim”... uma frase muito dura...

Imediatamente não a compreendi bem, ou talvez não a levei a sério como deveria... Mas hoje, através de teu martírio, compreendi esta frase... Tu morreste em tua alma e em teu corpo para ressuscitar em teu Bem-Amado e em teu mestre, e para que Cristo ressuscite em ti, apesar dos sofrimentos e das tristezas, apesar do caos e da loucura.

Em nome de qual Deus da morte te mataram? Em nome de qual paganismo te crucificaram?... Sabiam verdadeiramente o que faziam?

Ó Deus, nós não vos pedimos vingança ou represália, mas vitória... vitória do justo sobre o falso, da vida sobre a morte, da inocência sobre a perfídia, do sangue sobre a espada... Teu sangue não terá sido derramado em vão, querido Ragheed, porque santificaste a terra de teu país... e teu sorriso terno continuará iluminando desde o céu as trevas de nossas noites e anunciando-nos um amanhã melhor.

Eu te peço perdão, irmão, mas quando os vivos se encontram, crêem que têm todo o tempo para conversar, visitar-se e dizer os próprios sentimentos e os próprios pensamentos... Tu me havias convidado a ir ao Iraque... Eu sonhava sempre com isso... visitar tua casa, teus pais, teu escritório... Não teria nunca pensado que seria teu túmulo o que um dia visitaria ou que teriam sido os versículos de meu Corão os que recitaria para o repouso de tua alma...

Um dia, eu te acompanhei a comprar objetos de lembrança e presentes para a tua família nas vésperas de tua primeira visita ao Iraque após uma longa ausência. Tu me havias falado de teu trabalho futuro: *“Queria reinar sobre as pessoas sobre a base da caridade antes que da justiça”*, me havias dito. Então me era difícil imaginar-te como “juiz” canônico... Mas hoje teu sangue e teu martírio pronunciaram sua palavra, veredito de fidelidade e de paciência, de esperança contra todo sofrimento e de sobrevivência, apesar da morte, apesar do nada.

Irmão, teu sangue não foi derramado em vão... e o altar de tua igreja não era uma farsa... Tu assumiste teu papel com profunda seriedade, até o final, com um sorriso que nada poderá apagar... nunca.

Teu irmão que te ama: Adnan MAKRANI  
*Professor do Islão no Instituto de Estudos das Religiões e das Civilizações,  
Universidade Pontifícia Gregoriana, Roma.*  
Trecho do jornal “Presença” (Igreja Católica na Turquia)

## **ESPECIAL DO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE MÈRE SUZANNE GUILLEMIN**

Mère Suzanne Guillemin  
1906 - 1968

Filha de Deus - Filha da Igreja  
Superiora geral da Companhia

### **IX - MÈRE GUILLEMIN: DA PALAVRA AO ATO**

Para Irmã Guillemin o amor a Deus toma todo seu sentido no dom de si mesma no serviço de Deus na pessoa dos pobres.

O Cardeal Garonne, em seu livro “a Religiosa hoje: sim, mas...” apresenta em algumas páginas a bela imagem de Mère Guillemin. Estas linhas estimulam nossa maneira de ser a Deus e aos pobres na Companhia.

*“Não é uma santa canonizada... mas suas características se tornaram familiares a muitos. Quer se trate de Congresso onde ela era chamada a desempenhar uma função de primeiro plano, quer se trate mesmo de grandes reuniões da Igreja para as quais sua inteligência e seu prestígio a destinavam naturalmente, como foi o caso do Concílio... estávamos acostumados a perceber este testemunho, a escutá-la, a até mesmo admirá-la, a usar de sua competência, a se alegrar com sua magnífica e corajosa abertura.*

*Teria aí uma grande lição a tirar do exemplo desta filha de São Vicente, e para isto, nada melhor do que olhá-la viver, escutá-la falar, convicta do que devia dizer ou fazer, mas evidentemente também, totalmente do seu Senhor. Mère Guillemin nos oferece também, de uma maneira única, clara, simples e evidente, a prova que o essencial da vida religiosa pode aceitar sem segunda intenção a mais nova e desconcertante realidade, as das condições atuais do mundo... testemunha daquilo que alguns chamariam o passado... em nome desta fidelidade, ela exige face ao mundo as mais surpreendentes reversões”.*

Mère Guillemin dizia: *“A evolução extraordinária do mundo... transforma profundamente o contexto sociológico e eclesial no qual se inscrevem as Congregações... Se a religiosa quer ser fiel ao mundo, a Cristo e à Igreja e, por consequência a seus Fundadores, a religiosa, hoje, é levada a passar:*

- *de uma situação de posse a uma situação de inserção*
  - *de uma posição de autoridade a uma posição de colaboração*
  - *de um complexo de superioridade religiosa a um sentimento de fraternidade*
  - *de um complexo de inferioridade humana para um envolvimento direto para vida*
  - *de uma preocupação de conversão moral a uma preocupação missionária.*
- ...é preciso estar persuadido de que não aceitar esta reconversão é ir em direção oposta à caminhada do mundo e da Igreja e se condenar a sofrer as consequências”.*

O mundo e, em particular, o mundo dos pobres têm um grande lugar nas preocupações de Mère Guillemin: *“Reconsideremos nossa vocação”* (1º de janeiro de 1965), dizia ela, e une o ato à palavra: *“A serva dos pobres necessita de formação, não somente técnica, mas também aprender a reconhecer seu Deus, sem ignorar o “deixar Deus por Deus””.*

### **A CAPELA SÃO JOSÉ (1967)**

No plano espiritual, o Concílio havia traçado a linha; na Casa-Mãe, os lugares apresentavam problemas. Cada vez mais, a Capela é solicitada pelos fiéis. Precisaria encontrar um lugar de recolhimento e celebração complementar. É a sala de costura São José ou a “mercearia” que foi cedida para isto. Durante meses, os operários trabalharam para esta transformação. As pedras desenham alguns arcos com linhas sóbrias. No meio, o altar, uma mesa simples em mármore verde. No dia 8 de maio de 1967, o Padre Slattery vem abençoar a Capela e celebrar a primeira Missa, acompanhado pelo Padre Duvaltier, Diretor da Província de Paris que fará a homilia.

### **A ORAÇÃO DAS LAUDES (1º DE JANEIRO DE 1966)**

Alegria profunda para Mère Guillemin: na Casa-Mãe, as Irmãs rezarão pela primeira vez, **juntas**, a oração da Igreja.

O Padre Jamet ajuda as Irmãs a compreender e a se familiarizar com a apresentação do livro do “Tempo Presente”. Este ofício é a expressão da oração da Igreja: ofício de louvor que se fundamenta como a fé da Igreja, na Palavra de Cristo. No seio das realidades humanas, a Igreja contempla as maravilhas de Deus, as proclama anunciando a Palavra e as celebra no mistério litúrgico. O Padre Jamet insiste: *“Em Cristo, é o homem de hoje que canta sua alegria, grita sua angústia, busca ou escuta”.*

É, pois, um meio privilegiado do encontro com Deus no tempo presente e da responsabilidade de todo o mundo contemporâneo.

As Irmãs estão radiantes com esta mudança desejada pelo Concílio. É um grande passo na vida espiritual embora a tarefa seja rude: familiarizar-se com a liturgia do dia, aprender os cantos, encontrar as páginas e, sobretudo, colocar a salmodia em seu contexto religioso.

## **A RÁDIO MONTE CARLO (1967)**

Mère Guillemin é chamada à Rádio Monte Carlo para uma entrevista sobre a Comunidade. Monsenhor Rupp, Bispo de Mônaco, a apresenta aos ouvintes da seguinte maneira: “*Eu não conheço, diz ele, uma maneira mais completa para representar o Evangelho que as Filhas da Caridade... elas estão sempre trabalhando, rezando, abnegadas no silêncio*”. E faz as seguintes perguntas<sup>1</sup>:

1 - Posso pedir-lhe para inicialmente nos recordar as origens da pequena Companhia?

Mère Guillemin responde com sua simplicidade habitual e ouve-se em seguida o questionamento: Em que as Filhas da Caridade das origens se diferenciam das de hoje, por um lado, das religiosas e, por outro, das consagrações seculares de todas as recentes criações?

2 - Vocês podem indicar como se exerce o governo da Companhia e quais dificuldades apresenta a evolução das mentalidades?

3 - Como foi vivida a mudança de hábito? Você pode evocar as personalidades que ilustraram a Companhia na santidade?

4 - O que lhe parece mais cabível no aggiornamento geral da vida religiosa e, se necessário, quais são as adaptações previstas naquilo que se refere às Filhas da Caridade?

5 - A atuação das mulheres na Igreja se desenvolve e se personaliza à luz do Vaticano II?

6 - Para você, o que lhe parece mais importante para o conjunto dos cristãos na atualização da Igreja universal?

Enfim, para terminar, Monsenhor Rupp pede-lhe para deixar aos ouvintes um pensamento de São Vicente de Paulo a fim de que eles pudessem meditá-lo. Ela responde: “*São Vicente falando aos seus missionários sempre insistia na caridade, numa caridade apostólica, numa caridade universal. Parece-me que neste tempo de pós-Concílio, poderíamos meditar esta palavra que ele disse antes de morrer, isto é, no momento em que ele estava em plena manifestação de sua santidade: “... É verdade, meus Irmãos, que sou enviado não somente para amar a Deus, mas para fazê-lo amar. Não me basta amar a Deus se meu próximo não o amo...”*”.

## **MELHORIAS MATERIAIS NA CASA-MÃE**

A Casa-Mãe beneficiou o máximo dos dons de organização de Mère Guillemin. Ela reorganiza os diversos serviços reagrupando-os: Secretariado, Economato são equipados com gabinetes individuais e material funcional. As rouparias ficam no mesmo andar que os hábitos, a farmácia emigra para perto da enfermaria.

Outros trabalhos importantes estão em desenvolvimento: cozinha, quartos para as Irmãs idosas, as salas de acolhimento que dão para o Pátio das missões. A sala de retiro é reformada para as traduções simultâneas e outras melhorias.

Todos os pisos do Seminário foram trocados com salas de aulas, dormitórios em Box, salas de estar. O próprio jardim mudou de fisionomia com suas garagens em lugar do curral e o pátio de recreio para as Irmãs do Seminário próximo ao “círculo”.

Toda a organização da “residência romana” em Roma foi obra de Mère Guillemin. L’Haÿ-les-Roses, lugar do segundo Postulado, foi objeto de suas reflexões. Em Fain-les-Moutiers, a reforma da Casa natal de Santa Catarina encheu todas as Filhas da Caridade de felicidade.

## **IRMÃ SAUVAGE NO VATICANO (1967)**

A pedido da Sagrada Congregação dos Religiosos, uma Filha da Caridade, com três outras religiosas, é destinada ao serviço deste Dicastério da Cúria Romana. Trata-se de Irmã Sauvage, Irmã Servente da Casa de Caridade de Paris, rua Championnet e Diretora da Escola. É um ofício ao qual São Vicente jamais teria pensado. Mère Guillemin teve a alegria de apresentá-la à Sagrada Congregação dos Religiosos que, com a aprovação do Soberano Pontífice e, após consultação da União Internacional dos Superiores de Congregações religiosas, decidiu fazer entrar entre seus membros quatro religiosas de idiomas, comunidades e nacionalidades diferentes:

- Para a língua alemã: uma Irmã da Congregação do Divino Salvador
- Para a língua inglesa: uma religiosa do Sagrado Coração de Maria
- Para a língua espanhola: uma religiosa de Jesus e de Maria
- Para a língua francesa: uma Filha da Caridade.

O que farão elas? É difícil dizer de uma maneira exata. Em primeiro lugar, elas devem se familiarizar com a língua italiana para poder estudar principalmente os problemas particulares à vida religiosa feminina. Durante vários anos, Irmã Sauvage foi membro da Comissão de Direito Canônico.

## **DUAS INICIATIVAS: AS COMISSÕES PEDAGÓGICAS E O CONSELHO NACIONAL DAS OBRAS**

### **AS COMISSÕES PEDAGÓGICAS**

A lei Debré relativa ao ensino em França acabava de ser votada. As duas Irmãs da Central das Obras se consagraram ao estudo das exigências para nossas diferentes unidades educacionais: a educação primária com seu prolongamento dos cursos complementares, a educação secundária e técnica. Os contratos propostos pela lei eram diferentes. O que fazer? Como escolher?

As Irmãs diretoras dos estabelecimentos solicitaram ajuda. Portanto, foi decidido, com as Visitadoras das Províncias de França, de instituir uma Comissão de estudo, na razão de duas Irmãs por Províncias para refletir junto sobre os novos problemas a fim de respeitar o carisma próprio da Companhia.

Na primeira reunião da Comissão do Ensino técnico, Mère Guillemin expõe aí sua razão de ser: *“Esta idéia de Comissão pedagógica nasce da observação que se pôde fazer da progressão do Ensino técnico através de nossas Províncias. Em algumas regiões, algumas matérias ou disciplinas foram bem aprofundadas, outras tomam suas fontes e suas luzes ao acaso... não há uma corrente uniforme nas Escolas técnicas da Comunidade e é esta corrente que deve ser constituída. As reflexões que nós podemos fazer são as seguintes:*

*1 - Quando recebemos de Deus uma vocação para viver em comunidade, não basta alcançar sua perfeição pessoal cumprindo seu dever de estado e alcançar a sua perfeição espiritual, perfeição que é o caráter específico do estado religioso; há outros pontos a considerar:*

*a) a consagração pelos votos, e de outros além de nós que o praticam*

*b) a vida comunitária: eu penso que reuniões pedagógicas como aquela que nós vamos realizar é uma de suas manifestações.*

*Contemplando os esplendores de Nossa Senhora de Chartres, pensamos que entre aqueles que construíram a Catedral, havia certas personalidades mais responsáveis que outras, da beleza, da magnificência deste edifício, de sua solidez também; havia arquitetos, artistas natos... e o querido Irmão Ricardien para nos explicar que na Idade Média, a vida comunitária e a vida eclesial eram maiores que em nossos dias. Havia pessoas responsáveis, gênios, cientistas que tomaram medidas que traçaram alguns planos... sempre ignoram-se estes gênios, porque eles ficaram perdidos na massa dos fiéis e é o que fez esta progressão magnífica. Estes arquitetos, estes mestres vidraceiros, estes escultores alcançaram valorizar-se porque o povo estava por trás deles... Para voltar a nossa tarefa, devemos dizer que este trabalho no seio da Comunidade e da Igreja na França, nós também devemos dar a nossa contribuição individual no conjunto da perfeição da obra dada. Temos que nos apoiar na Comunidade porque cada uma de nós tem o direito de esperar iluminação, uma contribuição que nós não somos capazes de encontrar sozinhas. Mas, devemos nos dizer também: eu não fiz, eu não cumpri todo meu dever, se eu não lancei no conjunto comunitário da Companhia e da Igreja, as luzes, as possibilidades, a ciência, que Deus deu a mim mesma. É assim que poderemos realizar esta palavra de ordem: “ser uma progressão no conjunto da Comunidade através das individualidades que somos”.*

Irmã Guillemin acompanhava o trabalho da Comissão não somente com interesse, mas com um sentido muito sensato e sobrenatural ao mesmo tempo, para responder às questões mais concretas.

A Comissão do Ensino técnico era composta de 12 membros para um período de 3 anos, reunindo-se duas vezes por ano. Tinha por objetivo:

- Trabalhar juntas os programas, as modificações solicitadas pela educação Nacional de acordo com as especialidades,
- Valorizar o corpo docente
- Preparar as sessões de formação de acordo com as necessidades: Irmãs diretoras, Irmãs professoras... e sessões mistas (leigos e Irmãs).
- Partilhar experiências pedagógicas
- Elaborar projetos.

A síntese, depois da aprovação da autoridade, era enviada às Visitadoras.

Cada reunião previa em seu programa uma conferência de doutrina ou de pedagogia aplicada. Dez anos depois, estas reuniões regulares chegaram ao Conselho geral de educação em Roma: Conselho internacional que ofereceu orientações para outras Congregações.

## **O CONSELHO NACIONAL DAS OBRAS**

Numa de suas numerosas intervenções, Irmã Guillemin havia deixado subentendido *“no que se refere às obras, só uma ligação constante com a Superiora geral por meio da Central das Obras e uma ação concertada e unificada podem chegar a um resultado válido. Todo o conjunto de benefícios, de acordos, de informações deve ser colocado em prática...”*.

É, pois, por meio desta comunhão de pensamentos que parecia indispensável à Irmã Guillemin instalar um Conselho Nacional das Obras que seria composto pela Superiora geral, as seis Visitadoras, a Superiora da Central das Obras, o Superior geral e um Lazarista encarregado pelas Obras.

Em sua mente, este Conselho Nacional devia ser alimentado pela contribuição dos conselhos técnicos de cada ramo de atividade: hospitais, serviço social, cuidados a domicílio, casas de crianças, educação primária, ensino técnico e rural, infância e juventude. Ele se reuniria três vezes por ano.

Com um olhar retrospectivo e uma certa avaliação, podemos dizer que este foi uma necessidade pela informação dada aos Superiores e as deliberações que seguiam para permanecer na linha da vocação.

## **APÊNDICE**

### **MÈRE GUILLEMIN: SEU ENSINAMENTO ESCRITO E ORAL**

Ao longo da história da Companhia, a importância dos escritos dos Superiores não se demonstra, eles são fonte de vida na vivência da vocação. De Irmã Mathurine Guérin aos nossos dias, as circulares de 1º de janeiro e 2 de fevereiro alimentaram as Irmãs espiritualmente. Outros escritos atraíam a atenção das Irmãs sobre os acontecimentos ou comportamentos, enfatizando, às vezes firmemente sublinhado, sobre o objetivo a ser alcançado.

Há 40 anos, Mère Guillemin não conhecia os escritos de origem como temos alegria hoje de lê-los, contemplá-los, meditá-los. Suas intuições espirituais uniam às de Irmã Mathurine Guérin quanto à conduta das Irmãs Serventes. Na pequena conferência, depois de sua morte, o Padre Diretor a anuncia assim: *“não se pode julgar a prudência cristã com a qual nossa Irmã governava a Companhia por seus piedosos avisos que ela mesma escreveu e conservou e seguiu inviolavelmente, a saber, uma pessoa que tem conduta, deve:*



1 - *Viver de tal forma que não se encontre nela nada de repreensível a fim de que ela sirva de certo modo de modelo àquelas que estão sob sua responsabilidade praticando por primeiro tudo o que ela ordena ou aconselha às outras.*

2 - *Considerar atentamente as forças de corpo e de espírito de um cada um para conduzi-las à sua perfeição pelos modos que lhes são próprios, todas não sendo lançadas por um mesmo caminho. E para isto, pedir freqüentemente a Deus que Ele mesmo as conduza e impeça a mistura da natureza que sempre deteriora a obra da graça.*

3 - *Estar muito atenta em dar ou suprir as necessidades corporais e espirituais de todas.*

4 - *Ter um amor igual para com todas, acompanhado de doçura para suportar as faltas e almejar a correção das imperfeições e firmeza nos encontros.*

5 - *Fazer seu possível para ganhar os corações, caso contrário, é difícil beneficiar-lhes.*

6 - *Prevenir as tímidas e aquelas que têm aversão por ela.*

7 - *Fazer todo seu possível para que elas tendam à virtude sólida, sem levar em conta as relutâncias da natureza, nem apoiar-se na sensibilidade da devoção, nem abater-se quando falhar, mas sempre cumprir suas obrigações com fidelidade.*

8 - *Consolar as aflitas, escutar todas as queixas sem se deixar prevenir de nenhum sentimento de subestima contra as pessoas, mas suspender seu julgamento.*

9 - *Não advertir na paixão nem por repreensão, mas usar advertências caridosas e, se acontecer de unir à sua advertência algumas palavras fortes, no final, abrandar e terminar sempre com algumas palavras de encorajamento... ”.*

Relendo as instruções de Mère Guillemin às Irmãs Serventes, encontramos Irmã Mathurine: *“compreender as coisas, estabelecer os princípios, ser firme e, em seguida, saber considerar as circunstâncias; não só tolerá-las, mas aceitá-las e assumi-las”.*

*“O enraizamento na fé, em união com a Igreja universal, deve ser o guia no caminho da caridade”.* Sua última circular de 1º de janeiro *“digne-se Deus reanimar em nós “a chama da caridade”* começa por uma exortação do Apóstolo Paulo: *“Examinai-vos, vós mesmos, vêde se tendes fé!”* (Cor 13, 5).

Todo seu ensinamento, escrito ou oral, era impregnado de uma doutrina segura no sentido da Igreja, adaptado à vida da Filha da Caridade. Ele esclarecia o essencial “imitar o Cristo”. Às circulares oficiais, é preciso acrescentar as repetições de orações durante os retiros na Casa-Mãe. As repetições de oração em preparação ao Natal e à Renovação eram verdadeiros bilhetes espirituais correspondendo à liturgia do tempo.

O que ela não disse e escreveu para compreender melhor o ensino do Conselho! Atualizar as Regras comuns ao nosso tempo, verificar os usos centenários e adaptá-los ou suprimi-los. Mas sempre: **Deus é tudo; o acontecimento é Deus!**

**MÈRE GUILLEMIN E OS COLABORADORES (PADRES DA MISSÃO E OUTROS) PARA A FORMAÇÃO:**  
*“Vinde à fonte de água viva”* (Jer 2, 13)

### **O Padre William M. Slattery**

Não é de estranhar hoje que o Superior Geral da época, o Padre William M. Slattery, pela santidade de sua vida, foi o colaborador mais eminente na vida de Mère Guillemin, e isto antes de seu generalato.

Em todas as Sessões de Ballainvilliers, o Padre fazia a conferência sobre um tema de sua escolha em relação com o da Sessão. No momento da morte de Mère Guillemin, a carta que ele escreveu a todas as Irmãs é testemunha desta frutuosa colaboração e da apreciação de sua vida toda doada a Deus.

*“Escrevo-lhes esta carta para dizer-lhes... que estamos bem unidos com vocês neste grande sacrifício que o bom Deus, em sua Sabedoria e em seu infinito Amor, nos pediu chamando no dia 28 de março a Honoratíssima Mère Guillemín, tão apreciada e amada... Admiramos suas grandes virtudes naturais e sobrenaturais e seus dons excepcionais de espírito e de coração. Sua fé era viva, ardente e profunda. Sua confiança na Providência divina se manifestava em muitas oportunidades. Seu grande amor a Deus se mostrava em suas palavras e em suas obras. Ela guardava uma devoção especial para com a Santíssima Virgem e a São Vicente e a Santa Luísa respectivamente. Sua caridade, sua doçura, sua bondade se estendiam a todos, e particularmente os membros da Companhia e os Pobres.*

*Todos aqueles que dela se aproximavam ficaram impressionados com o brilho que emanava desta grande figura da Igreja, e todos reconheceram sua grande inteligência. Quanto impressionante era na hora certa seu senso atento pela adaptação da Companhia aos tempos atuais, de acordo com as instruções do Concílio Vaticano II, mantendo uma preocupação prudente e sobrenatural para a manutenção do espírito de São Vicente e de Santa Luísa. Todos se alegravam que o incansável zêlo que ela colocava na realização de sua missão lhe tenha valido ser designada pelo Soberano Pontífice como auditora no Concílio. Mais recentemente, a Santa Sé a agregou ao número dos Consultores da Sagrada Congregação dos Religiosos, e lhe deu um lugar na Comissão Pontifícia “Justiça e Paz”. Por outro lado, a Honoratíssima Mère usava suas brilhantes qualidades para a preparação já consideravelmente avançada da próxima Assembléia Geral. Aproveito desta observação para acrescentar que o desaparecimento súbito da Honoratíssima Mère nada muda no programa que ela elaborou para a Assembléia Geral.*

*Que belos exemplos ela nos deixou de uma Filha da Caridade segundo o coração de São Vicente e de Santa Luísa.*

*Guardamos a emocionante lembrança de suas virtudes para nos encorajar. Temos a consolação de saber que do alto do Céu, ela obterá bênçãos para a Igreja, para a dupla família de São Vicente e de Santa Luísa e para a próxima Assembléia Geral. Agradecemos a Deus por tê-la dado como Superiora Geral à Companhia. Toda sua vida pode ser resumida em suas últimas palavras: “Meu Deus, eu vos amo de todo o meu ser”.*

### **O Padre Felix Cantassot**

Na época Assistente geral, o Padre Cantassot foi de um generoso socorro no momento da organização da Central das Obras. Foi ele quem escreveu o comentário das Constituições de 1954. A obra publicada em 1967, não foi explorada, o Concílio apresentava novidades.

### **Outros Lazaristas**

Outros Lazaristas colaboraram nestes momentos intensos de formação; o Padre Dodin na preparação do Tricentenário, os Padres Duvaltier, Diretor da Província de Paris, e Vansteenkiste para a liturgia, o Padre Koch para São Vicente e isto para todas as formações profissionais das Irmãs, o Padre Allain para os encontros da Comissão pedagógica. Outros Lazaristas vieram dar uma ajuda de acordo com as necessidades. O aggiornamento pedido pelo Concílio colocou em andamento um outro ciclo de formação que precisava de conhecimentos.

### **O Padre Joseph Jamet**

Diretor geral, o Padre Jamet estava sempre presente para trazer a ajuda espiritual, notadamente no momento da preparação da Constituição sobre a liturgia. Seus numerosos artigos sobre o desenvolvimento do Concílio no Eco da Casa-Mãe informavam as Irmãs dos outros países. A preparação da Assembléia geral, as meditações para o retiro espiritual do mês e os dois livretos: “A Filha da Caridade na Igreja e no mundo de hoje” foram contribuições preciosas à renovação. Cada capítulo foi acompanhado com a doutrina de São Vicente e a doutrina Conciliar: “A Filha da Caridade é filha de Deus e filha da Igreja”.

Diversos problemas de doutrina foram colocados em destaque nos Ecos, os documentos de base explicados, novas perspectivas da atividade missionária, a diferença entre o Concílio e o Sínodo que se tornará uma instituição permanente, etc.

Para Mère Guillemin, o Padre Jamet era um colaborador de alta classe para a Companhia inteira. Atento aos acontecimentos, preocupado com a aplicação das exigências do Concílio, ele fez isto com rigor em fidelidade a São Vicente e a Santa Luísa. Ele fez amar a Igreja; sua fé pessoal e seu conhecimento do assunto fizeram dele o responsável por um aggiornamento que devia agradar os Fundadores.

### **O Padre Etienne Diebold**

O Padre Diebold teve uma participação muito ativa na obra da formação que Irmã Guillemin lhe havia pedido para o anúncio da fé, aconselhada por uma alta autoridade da Igreja de França, o Cardeal Jean Honoré.

A Companhia já havia tirado proveito da atualização das meditações diárias de acordo com o ciclo litúrgico, meditações sobre os textos da Escritura e as conferências de São Vicente. Cinco volumes pequenos: Advento, Natal-Epifania, Quaresma, Paixão e Ressurreição, Ascensão e Pentecostes foram oferecidos à meditação quotidiana completadas por meditações para o 1º sábado do mês e dos aniversários particularmente caros às Filhas da Caridade, notadamente a preparação à Renovação, algumas datas especiais recordam nossos Santos Fundadores. Estes livros são esgotados, alguns elementos raros são classificados nas estantes da biblioteca vicentina.

O Padre Diebold, Superior do grande Seminário de Montpellier, foi chamado para a preparação do Concílio como “Observador” na Secretaria para a Unidade dos cristãos; ele não recusará a ajuda que lhe propõe Irmã Guillemin. Além disso, o Cônego Jean Honoré, responsável pela Secretaria Nacional do Ensino Religioso, o nomeia Diretor das Sessões de Catequese, com o poder de preparar as Irmãs ao diploma de catequista profissional, requerido nesta época. Assim, durante três anos consecutivos, as Irmãs das seis Províncias da França virão se formar sob o olhar atento do Padre Diebold. O ensinamento do Concílio tinha um lugar de escolha no programa. Todas estas preparações resultarão num condensado “A catequese na missão de uma Filha da Caridade” publicado num suplemento do Eco da Casa-Mãe em outubro de 1964.

Impulsionado pelo pensamento de São Vicente, todo o apostolado das Filhas da Caridade, em particular as Irmãs dos hospitais, as enfermeiras em domicílio, professoras, pessoas idosas, casas de crianças foram atualizadas pelo Padre Diebold a partir das Sessões profissionais “A Filha da Caridade, catequista por vocação”.

Esta ajuda preciosa para a descoberta atualizada da fé e do anúncio aos pobres, teve uma resposta na última circular de Mère Guillemin, 1º de janeiro de 1968: “*Que nossa fé seja semelhante à de São Vicente, simples, esclarecida, humilde, forte, calma, ativa*”. Ela observa com alegria, as diversas iniciativas: sessões, cursos, conferências respondendo às necessidades das Irmãs, mas este esforço deve se intensificar, visar atingir a totalidade das Irmãs. Depois da morte de Mère Guillemin, o Padre Diebold continuará as Sessões de aprimoramento para ajudar as Irmãs a compreender o ensinamento do Concílio.

### **O Irmão Ricardien-Maria, Irmão das Escolas Cristãs.**

Todas as Irmãs que fizeram a peregrinação à Chartres com o Irmão Ricardien se lembrarão do entusiasmo com o qual, numa única frase, ele resumia a Catedral de Chartres. Designando com um grande gesto sucessivo os portais e a grande nave, ele dizia: “*O Antigo Testamento que prepara o Novo e que a Igreja continua*”. Ele demonstrava a mesma convicção para situar o lugar privilegiado de Maria nesta história maravilhosa da Salvação. Com todo seu ser, sua mente e seu

coração, mas também com seus gestos e suas entonações de voz, aderiu ao que ele chamava “a mística de Chartres”.

Portanto, não seria necessário limitar sua personalidade tão rica a um só aspecto, este foi o de “grande Cavaleiro de Nossa Senhora de Chartres”. Durante 18 anos, o Irmão Ricardien trabalhou com as Irmãs da Central das Obras: ele participou em particular das Sessões de formação de todas as categorias. Além de um conhecimento quase enciclopédico em tantos assuntos, ele era primeiro um homem de fé e, sem dúvida por causa disto, um homem cheio de delicadeza para com todos aqueles que encontrava: delicadezas gratuitas, desinteressadas, pensamentos em função daqueles aos quais eram endereçados, motivados pelo amor de Deus.

Por ocasião da morte de Mère Guillemin, o encontramos inteiramente em sua carta de 28 de março de 1968 que ele dirige às Irmãs da Central das Obras: *“Ela vê, acreditamos. Mas é apenas uma verdade, é o amor do Senhor. Um dia também, veremos... Mais do que nunca, ousa dizê-lo, sinto-me da família”*. Sim, a Irmão Ricardien-Maria tinha se tornado um membro da Família Vicentina. Todas as Sessões, os Retiros internacionais, as viagens culturais das Escolas de França e de outros lugares, programavam sempre uma peregrinação à Chartres com ele.

Neste contexto, uma das mais belas peregrinações foi aquela realizada em honra do Tricentenário da morte dos Fundadores. Para Irmã Guillemin, Chartres e Santa Luísa são inseparáveis; graças ao Irmão Ricardien, o acontecimento espiritual do mês de outubro de 1644 ia tomar força: ação de graças, ato de fé, compromisso. No dia 16 de outubro de 1960, o Irmão Ricardien convoca à Central das Obras todos os Padres Lazaristas encarregados de animar o roteiro rumo à Chartres. Na véspera à noite, as Irmãs Serventes são, elas também, convidadas a se familiarizarem com a Catedral com ajuda de uma apresentação audiovisual. O orador é, evidentemente, o Irmão Ricardien. Ele destaca primeiramente a presença marial na catedral *“aquela que está conosco porque o Senhor está com ela”*, depois faz uma ligação entre o dia 17 de outubro de 1644 em que Santa Luísa apresenta a Nossa Senhora a pequena Companhia para que ela estivesse a serviço da Igreja e este 17 de outubro de 1960 em que esta mesma família, reunida ao redor da N. H. Mère refará sua consagração a Cristo por Maria, em presença do Bispo de Chartres, na Igreja. A conclusão do Irmão Ricardien vai direto ao coração: *“A Catedral de Chartres será para vocês amanhã a imagem de um acontecimento de graças. Ela é, ao mesmo tempo, a mais teológica, a mais marial, a mais viva de nossas Catedrais... Ora, o Senhor quis que a Catedral de Chartres fosse para a sua família religiosa o que é Reims para a história de França”*. Na narração do Irmão, o final provoca um novo elã: *“esta reunião pode e deve permanecer para a grande família de Santa Luísa um Pentecostes renovado e permanente”*.

As Filhas da Caridade do mundo inteiro poderiam beneficiar das peregrinações preparadas e vividas pelo Irmão Ricardien que deu o melhor de si por Maria e Santa Luísa. Ainda hoje, a tradição contínua...

### **O Cardeal Jean Honoré e o Ensino Católico**

Sem retomar toda a colaboração de Monsenhor Honoré na formação das Filhas da Caridade no plano catequético ou na educação em Escola católica, este único fato já parece importante. Monsenhor Honoré participou da preparação do Conselho geral de Educação das Filhas da Caridade em Roma. *“Cultura e Fé numa comunidade educativa em situação numa sociedade pluralista”*. Este Conselho era internacional. Ele reagrupou além das Irmãs professoras de França, as Irmãs delegadas das Províncias seguintes: Argélia, Argentina, Bélgica, Congo, Egito, Espanha, Itália, Irã, Líbano, Madagáscar, Países Baixos, Suíça Romande. No total, 220 Filhas da Caridade. Monsenhor Honoré reservou-se a parte da *“sociedade pluralista e o ensino católico”*.

As poucas linhas que seguem, expressam intensamente como ele viu a Filha da Caridade na Escola Católica daquele tempo. Preparando sua tese de doutorado, lhe haviam proposto a

Capelania de uma Equipe de São Vicente de Paulo na Escola de Chartres, o que fez com que ele assimilasse bem a mística de nosso serviço de educação:

*“Uma Escola que recrutaria a maioria de seus efetivos num ambiente indiferente a Deus, ou até mesmo desconfiado, senão hostil à Igreja, pode ela ainda pretender servir o projeto cristão de ensinar? Esta questão, eu penso que ela se faz na consciência de um certo número dentre vocês. Primeiro porque, freqüentemente, a implantação de suas Escolas, que se dizem populares, são feitas em bairros sem luz e sem árvore onde hoje vive o povo pobre tão caro a seu Fundador, mas onde a proporção dos cristãos aparece insignificante em relação ao número dos não-cristãos ou não praticantes. E então, há a evolução escolar nascida do novo estatuto oferecido à Escola privada pela legislação francesa... E de fato, suas Escolas querem estar largamente abertas a todas as crianças dos meios populares; vocês vêem até mesmo neste acolhimento dos “mais pobres”, quer eles sejam ou não cristãos e batizados, o penhor de fidelidade ao espírito de São Vicente de Paulo, visto que desejam manter-se na discreção das “pessoas pobres”, daqueles que têm as mãos nuas e que sofrem talvez mais por sua indigência espiritual do que por sua angústia material... o que eu gostaria de mostrar nesta conferência inaugural desta Sessão, é que a abertura da Escola aos não-cristãos não expressa apenas uma fidelidade à herança vicentina, é também exigência apostólica da Escola cristã na Igreja de hoje”<sup>2</sup>.*

## IN MEMORIA...

Em sua circular de 2 de fevereiro de 1968, Mère Guillemin traçou estas poucas linhas: *“... Quando Deus nos criou, dotou-nos, a cada uma, com potências para agir e tempo para empregá-las. Em seguida, tudo exigiu para seu uso particular...”*

### 28 DE MARÇO DE 1968, O SENHOR A CHAMA

Os textos publicados nos Ecos sobre Mère Guillemin apresentavam, sobretudo o seu “fazer” em todos os níveis; falar de seu “ser” era mais delicado. No entanto, outros, em um nível muito elevado, se encarregaram disto com um conhecimento e uma profundidade insuspeita. É com estas apreciações que confirmaremos a apresentação **de Mère Guillemin, Filha de Deus, Filha da Igreja.**

As condolências chegaram de todos os continentes, mas em particular da Igreja: *“Trata-se verdadeiramente de uma perda para toda a Igreja”* diz o Cardeal Martin.

### O SANTO PADRE E O VATICANO

O Santo Padre, Paulo VI, enviou à família da defunta e às Filhas da Caridade sua bênção paterna em um telegrama cujo texto o transcrevemos:

*“SUA SANTIDADE, MUITO ABALADO PELA MORTE SÚBITA DA REVERENDA MÈRE SUZANNE GUILLEMIN, EMINENTE AUDITORA DO CONCÍLIO, ELEVA A DEUS ORAÇÕES FERVOROSAS PELO REPOUSO DA ALMA DE VOSSA SAUDOSA SUPERIORA GERAL E CONCEDE DE TODO CORAÇÃO, À FAMÍLIA, ÀS FILHAS DA CARIDADE, O PENHOR DO CONFORTO DIVINO POR ESTA DOLOROSA PROVAÇÃO, PATERNAL BÊNÇÃO APOSTÓLICA”.*

A seu exemplo, os elogios dos responsáveis da Igreja a frente dos Dicastérios não cessam: o Cardeal Antonutti, Prefeito da Congregação dos Religiosos; o Cardeal Pericle Felici participa vivamente da dor das Filhas da Caridade diante da *“perda da bela figura de Mère Guillemin”*.

Alguns telegramas chegam do Cardeal Masella, do Cardeal Agaggianian, do Cardeal Villot, do Cardeal Feltrin, do Cardeal Martin, Cardeal Carpino, do Cardeal Suenens e do Substituto da Secretaria de Estado, Monsenhor Benelli.

O embaixador da França junto a Santa Sé, M. Brouillet escreve: *“Tomando conhecimento do luto que atinge de modo tão cruel e súbito vossa Congregação e, com ela, nosso país e a Igreja inteira na pessoa venerada e admirada da Reverendíssima Mère Suzanne Guillemin...”*.

Aqueles que estiveram com ela no Concílio enviaram longas cartas, como o Padre Greco, sj, que estava na mesma tribuna que ela no Concílio: *“Como especialista, pude apreciar a amplidão de suas idéias, sua serenidade, seu equilíbrio maravilhoso. Era uma “solidez”. Sua grande abertura, sua cultura e, sobretudo, seu senso sobrenatural, acompanhado de carismas incontestáveis, asseguraram-lhe um perfeito domínio na confrontação dos problemas mais difíceis de nosso tempo... precisaria ainda vê-la rezar na noite do Ano Novo, nesta manutenção de Advento do Senhor, onde não sei que brilho emanava de todo seu ser e, sobretudo, de seu rosto iluminado... Eu penso sinceramente com muitos outros também que tais personalidades são a realização viva do ideal da santidade em nosso tempo...”*

### **OS COLABORADORES DA COMISSÃO “JUSTIÇA E PAZ”**

Os telegramas da Presidência e da Vice-Presidente foram completados por um dos membros que fala um pouco mais: *“... mulher forte no verdadeiro sentido da palavra, ela dava mais do que pudesse receber. Todos aqueles que a freqüentavam depositavam nela grandes esperanças para a Igreja renovada. Entretanto, ela precisou deixar-nos ao apelo do Pai e nos deixa mais pobres para realizar uma tarefa que ela poderia nos ter tornado mais leve...”*

### **OS BISPOS**

Não podemos citar todos os nomes, cada um destacou o aspecto que o impressionou: *“Aquela que era tão dedicada a sua missão na Igreja”*; *“aquela cuja ação era benéfica para a Igreja”*; *“aquela que tão bem trabalhou com um zelo atento e uma caridade magnífica para o rejuvenescimento dos Institutos religiosos no seio da Igreja”*.

Um Bispo a conheceu trabalhando por muito tempo. Ele escreve: *“Tendo tido o privilégio de conhecer Mère Guillemin de perto, seja no Norte, seja no Concílio, eu admirei sua forte personalidade dotada de todos os dons da natureza e da graça. Tinha na Igreja um lugar de primeiro plano e era realmente a Igreja inteira que esperava por ela, com o impulso que a mesma havia dado à sua família religiosa, o aggiornamento que havia tão bem compreendido com seu amor ardente pela Igreja e sua sensibilidade das necessidades apostólicas de nosso tempo...”*

Um outro Bispo ficou impressionado por sua vida interior: *“ela partiu para a vida eterna, na intimidade de Deus, simplesmente a seu chamado, toda imbuída de seu amor. Em minhas reuniões com ela, fiquei impressionado pela altura e a clareza de suas idéias, de sua grandeza sem pretensão, da verdade de suas atitudes”*.

### **OS RELIGIOSOS**

O Padre Philippe, outrora Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos e agora da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, enviou o seguinte testemunho: *“Uno-me com todo meu sacerdócio à sua dor e à sua oração. Todas conheciam os vínculos profundos que me uniam a sua Superiora e o quanto apreciava seus conselhos. É a ela que eu devo a criação da União Internacional dos Superiores Gerais depois de tantos anos de estudos e de fórmulas inadequadas...”*

Uma Superiora escreve: *“a Igreja inteira lhe diz “obrigado”. Nossas Congregações todas foram animadas por seu dinamismo espiritual, seu amor à verdade, sua abertura aos problemas humanos, sua fidelidade à verdadeira consagração religiosa...”*

## OS LEIGOS

Os Auditores leigos no Concílio, os membros do Conselho dos Leigos, os Observadores permanentes da Santa Sé junto a FAO, o Gabinete Mundial das Organizações Femininas Católicas, o Ofício Internacional do Ensino católico pela voz do Presidente Monsenhor Descamps, todos louvaram o brilhantismo de Mère Guillemin.

**As autoridades civis** também expressaram suas condolências:

- O General de Gaulle, Presidente da República
- Senhor Couve de Murville, Ministro do Exterior
- O chefe do Escritório dos Cultos
- A Vice-Presidente do Senado assistiu pessoalmente a seus funerais.

- Um mestre dos Pedidos no Conselho de Estado que a conhecia há dez anos por ter trabalhado com ela sobre diversos planos, escreve: *“Sem hesitação, posso dizer que ela dominava do mais alto todas as mais eminentes Superiores que encontrei: uma santidade, uma profunda vida interior que implicava, disto tenho a prova, numa humildade e numa autêntica abnegação. Mas, por este milagre de equilíbrio que, a meus olhos, era a marca desta personalidade fora do comum, estas virtudes não prejudicavam a solidez de sua autoridade: uma autoridade cheia de bondade, plena de bom senso, sempre serena e alegre. Outra qualidade muito rara: boa, sensível, cautelosa, não tinha qualquer acanhamento, nenhuma pusilanimidade. Longe disto! Grande mulher, de espírito aberto, visão ampla e perspicaz, muito capaz de gestos generosos, com firmeza, com amável caridade, com uma autoridade serena e uma tranqüilidade majestosa...”*

Enfim, **as enfermeiras** com as quais ela colaborava no plano internacional e nacional: *“Mère Guillemin fazia parte destas pessoas tão raras que, lá onde estão, tornam Deus presente”*.

## A FAMÍLIA VICENTINA

Claro que, os Visitadores, os Diretores provinciais, os Lazaristas partilharam a dor das Irmãs e, de todos os lugares, as Visitadoras receberam as condolências de seu Bispo. A Província de Cracóvia guardam com respeito a carta de seu Bispo, o Cardeal Carol Woytyla. As Senhoras da Caridade, as Luísa de Marillac, as Conferências de São Vicente de Paulo se uniram ao luto na França e no estrangeiro.

## Conclusão

Para terminar, escutemos **Monsenhor Huygue**, Bispo de Arras, falar às Religiosas da Diocese durante a Missa que ele celebrava a “Notre Dame des Ardents” pelo repouso da alma de Mère Guillemin:

*“Se estamos reunidos esta tarde para a Missa, é primeiramente porque eu mesmo estou de luto com esta morte, pois, minha estima e admiração por Mère Guillemin eram grandes. Mas, é também para que vocês sintam – eu falo isto especialmente às suas Filhas e a vocês, Religiosas da Diocese que vieram esta tarde rezar com suas Irmãs - até que ponto a Igreja de Arras, na pessoa de seu Bispo, apóia-se em sua presença e sua ação apostólica, e partilha os sentimentos que enchem seus corações.*

*Nosso primeiro encontro realizou-se em Roma, quando ela foi nomeada auditora do Concílio. Ela foi solicitada pelos Bispos franceses para fazer uma conferência sobre a vida religiosa. Ela aceitou com uma simplicidade perfeita. Seu sucesso junto dos Bispos foi completo, tanto a exposição foi lúcida, corajosa, pondo admiravelmente em evidência o essencial.*

*Agora, eu gostaria simplesmente de dizer-lhes o que, na reflexão, parece-me ter sido seu carisma, seu dom na Igreja.*

*O que primeiro me impressionou em sua fisionomia, é algo que eu não sou capaz de definir numa palavra, mas que está além da virtude. Vou fazer entender meu pensamento por alguns exemplos. Diz-se que, na relação com os outros, duas atitudes são possíveis: a do orgulho, a da humildade, e com todas as etapas intermediárias entre as duas. Normalmente, a humildade é considerada como a virtude. Mère Guillemin estava além da humildade, ela não se situava entre o orgulho e a humildade, ela se situava - creio que é o termo justo - no respeito do outro e no despojamento.*

*Nenhuma situação de superioridade, nem de inferioridade.*

*Com não importa quem, no diálogo interpessoal, respeitava o outro e levava a sério o interesse do outro.*

*Tomemos um exemplo: o que há de mais importante para uma superiora geral: a prudência ou a audácia? Alguns vão dizer a prudência, outros a audácia. Mère Guillemin se situava além da prudência e da audácia: ela era realista, seu realismo podendo ser ora prudente, ora audaz.*

*Que há de mais importante para uma Superiora geral: a preocupação da precisão do detalhe ou do sentido sintético do conjunto? Ainda aqui, ela se situava além desta escolha com o respeito das pessoas, o realismo, a abertura da inteligência e do coração.*

*Se fosse necessário resumir este primeiro julgamento, eu diria que ela era perfeitamente equilibrada, num profundo amor ao Senhor, um amor profundo às suas Irmãs, um profundo amor por todos aqueles com os quais se encontrava. O que fazia a unidade de sua vida era o amor. O amor é uma virtude teologal, certamente: podemos até mesmo escrever livros magníficos sobre isto. O essencial é vivê-lo. Mère Guillemin sabia traduzir este amor no concreto, nas relações humanas.*

*Uma segunda característica da fisionomia de Mère Guillemin era um senso justo da vida religiosa na Igreja.*

*O que era para ela a vida religiosa e especialmente a vida religiosa feminina apostólica? Primeiro uma escolha absoluta de Deus. É verdade, certamente, para todo batizado. Mas a vida religiosa é a seriedade de tudo o que o batismo engaja numa vida. Escolher Deus é uma obrigação para todo cristão, a escolha de uma maneira absoluta, é a consagração religiosa que constantemente recorda aos batizados que não há nada mais importante.*

*Em seguida, o profundo amor à Igreja, a Igreja considerada como uma pessoa; nisto, ela unia de antemão a intenção profunda do Concílio e precedia o que ainda temos que descobrir.*

*A Igreja, não estrutura, não sociedade, nem administração, nem hierarquia, nem congregações, mas a Igreja Esposa do Cristo. A Igreja pessoa que o Cristo ama e pela qual ele dá sua vida.*

*Finalmente, a vontade de aceitar plenamente o mundo para nele inserir-se e o salvar. Todo seu esforço, durante os anos de seu governo, foi orientado para uma maior assimilação, cada vez mais realista deste mundo a evangelizar.*

*Para terminar, eu gostaria de falar de seu amor aos Pobres. Ela sabia que este amor é a linha de força de sua Congregação. Tinha consciência que era seu chamado, sua vocação, seu lugar na Igreja. Mas como? Neste período em que a Igreja inteira redescobre o lugar dos Pobres e seu espaço na Igreja - "Nossos Senhores os Pobres" dizia São Vicente de Paulo - era necessário ainda preservar este amor da tentação do romantismo. Há também, tantos e tantos modos de ser pobre e de servir os Pobres. Podemos conhecê-los pela estatística ou pela descrição. Podemos conhecê-los, porque os visitamos. Podemos conhecê-los pela partilha mais ou menos completa da vida. Mas, é preciso saber que há uma experiência de pobreza que nunca poderemos alcançar, o isolamento na miséria sem a menor chance de sair-se dela.*

*Para Mère Guillemin, a vocação de sua Congregação e a pobreza evangélica mantinha-se em duas linhas: primeiro doar-se totalmente a Deus que nada mais conta, nada, nada, nada... SÓ DEUS! O obstáculo a todo serviço desinteressado dos Pobres é que nos apeguemos a outra coisa que não seja Deus. Em seguida, amar o pobre por ele mesmo e no amor de Jesus, aceitando*



*deixar-se interpelar permanentemente por ele, de servi-lo por todos os meios técnicos de hoje e, de acordo com a palavra de Mère Guillemin, aprofundando estes meios com toda ternura de Cristo.*

*Eu não quis fazer um panegírico: não conhecemos o segredo dos corações. Quis simplesmente descrever o menos mal possível, o que percebia na alma de Mère Guillemin. Espero ter despertado e consolidado em vocês o que havia de mais profundo nela, a razão pela qual ela tinha escolhido pertencer totalmente ao Senhor.*

*Vocês foram escolhidas e, diariamente, devem renovar a resposta a esta escolha. Contemplando o exemplo daquela que as conduziu na vida e que as precede na luz de Deus, vocês encontrarão uma força para hoje e uma esperança para amanhã”.*

“Mère Guillemin não está mais entre nós! Este buraco, este vazio que ela deixa é o lugar que Deus quer ocupar em nossa vida. Quando desaparecem os seres humanos sobre os quais nos apoiamos e por trás dos quais nos abrigamos, é a hora de encontrar a rocha sólida da confiança em Deus, aquele que a Escritura chama a “rocha de Israel”, a hora da Providência à qual São Vicente tinha uma tão grande devoção” (Homilia do Padre Jamet).

Irmã Claire HERRMANN  
Serviço dos Arquivos

## Notas

<sup>1</sup> Radio Monte-Carlo, 15 de outubro de 1967: as respostas às questões se encontram nos Ecos de dezembro de 1967.

<sup>2</sup> Atas do Conselho de Educação: nos Arquivos da Companhia.

## BIBLIOGRAFIA

### Textos impressos

- Instrução às Irmãs Serventes, volume I: 1963-1966
- Instruções às Irmãs Serventes e repetições, volume II: 1967
- Circulares de Mère Guillemin - 1963-1966
- Mère Guillemin – notícia
- Mère Guillemin: conferências e testemunhos (edições Fleurus)

### Textos digitados

- Conferências às Irmãs Serventes 1963
- Conferências às Irmãs Serventes 1966
- Conferências às Irmãs Serventes 1967
- Conferências às Irmãs: 1963-1966
- Repetições de orações

Estes textos estão nos Arquivos da Casa-Mãe. Os Ecos dos anos do generalato de 1962-1968 contêm alguns escritos importantes, notavelmente a reforma litúrgica e “Justiça e Paz”, a carta de 1º de janeiro de 1966, que introduz as notícias das Irmãs falecidas falava do aggiornamento. No que se refere ao aggiornamento da Companhia, o Padre Jamet foi o redator fiel nos Ecos.